



# Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

# Literatura



Artur Azevedo e Aluísio Azevedo

*Fritzmac*



**Iba Mendes Editor Digital**

[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# *Fritzmac*

Artur Azevedo e Aluísio Azevedo

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1889.

Capa: Artur, Aluísio e a mãe, D. Emília Amália Pinto Magalhães.

Livro Digital nº 43 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

**Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo**

**(1855 - 1908)**

\*\*\*

**Aluísio Tancredo Belo Gonçalves de Azevedo**

**(1857 - 1913)**



**Iba Mendes Editor Digital**

**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

# FRITZMAC



*Revista fluminense de 1888, em prosa e verso, em um prólogo, três atos e dezessete quadros.*

A  
Luís Braga Júnior  
O.D.C.

## **PERSONAGENS:**

MADEMOISELLE FRITZMAC

AMOROSA

A AVAREZA

A PACIÊNCIA

UMA SENHORA

DONA INÊS DE CASTRO

O AMOR

A LUXÚRIA

A LIBERDADE

O CONGRESSO DOS FENIANOS

A SOBERBA

A DILIGÊNCIA

OUTRA SENHORA

A GRÃ-VIA

A INVEJA

A TEMPERANÇA

UMA CRIADA

UM ASPIRANTE DA MARINHA

A ÉPOCA

O *HIGH-LIFE*

UMA MULATA

*PEKY*

A IRA

A CARIDADE

UMA PRETA  
A SEMANA  
A PREGUIÇA  
A CASTIDADE  
A HUMILDADE  
O BARÃO DO MACUCO  
PERO BOTELHO  
FRITZMAC (alquimista)  
UM CREDOR  
O CLUBE DOS FENIANOS  
O ENTRUDO  
O PADRE-SOLDADO  
TIRO-E-QUEDA (capoeira)  
UM CONVIDADO  
UM JORNALISTA  
A GULA  
UM SOLDADO DE POLÍCIA  
O CHEFE DOS COELHOS  
UM LICURGO  
SEU ZÉ DO BECO  
FONSECA-TCHING  
ANTÔNIO JOSÉ (personagem invisível)  
OUTRO JORNALISTA  
O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS  
O CARNAVAL  
O PROJETO E A LEI  
O VISCONDE (que dá o baile)  
UM ARTISTA  
UM DILETANTE  
ANTUNES  
O COMENDADOR VILA ISABEL  
OUTRO CONVIDADO  
UM ENGENHEIRO  
O CLUBE DOS PROGRESSISTAS DA CIDADE NOVA  
TRIPAS AO SOL (desordeiro)  
OUTRO CONVIDADO  
TSING-TSING-SODRÉ

O GALO  
UM VENDEDOR DE CANIVETES  
OUTRO CONVIDADO  
OUTRO JORNALISTA  
UM CAIXEIRO  
O TIGRE  
OUTRO VENDEDOR DE CANIVETES  
OUTRO CONVIDADO  
OUTRO JORNALISTA  
UM EX-ATOR  
UM PADRE  
O JACARÉ  
UM HOMEM  
OUTRO VENDEDOR DE CANIVETES  
UM PRETO  
UM CRIADO  
UM MEDROSO  
O LEÃO  
OUTRO HOMEM  
OUTRO PRETO  
O DOUTOR GAZETA  
OUTRO ENGENHEIRO  
A ONÇA  
O CONSELHEIRO JACÓ  
SERAPIÃO  
OUTRO CONVIDADO  
UM ESGRIMISTA  
OUTRO JORNALISTA  
OUTRO LICURGO  
UM ITALIANO  
UM DIPLOMATA  
UM EMPRESÁRIO LÍRICO

Pessoas do povo, peixes, coelhos, flores, mendigos, vagabundos, convidados, jornalistas, artistas líricos, soldados, etc.

## PRÓLOGO

### QUADROS I, II, III

*Laboratório sombrio e diabólico. Ao levantar o pano, o velho Fritzmac está ocupado nalgum trabalho de alquimia. Ao ver o público, ergue-se, aplica bem a vista, deixa o que está fazendo e vem ao proscênio. Música em surdina na orquestra desde o levantar do pano até a entrada de Pero Botelho.*

### CENA I

*Fritzmac, depois Pero Botelho.*

FRITZMAC

Meus senhores, eu sou Fritzmac, o alquimista:

A falta de outro artista,

O prólogo farei da pândega revista.

Desgostoso da terra,

Onde sofri dos homens dura guerra,

Ao serviço me pus

Do bom Pero Botelho,

Diabo assaz conhecido,

*Bon vivant*, divertido,

Que bons cobres me dá, me trata por meu velho,

No conceito me tem do rei dos nigromantes,

E em breve — ele é que o diz — vai dar-me uma grã-cruz,

De ouro de lei, rodeada de brilhantes!

Um presente de truz!

*(Pequena pausa)*

Do Botelho citado,

Um capricho engraçado

Vai ser, senhores meus, o ponto de partida

Da frívola comédia a que ides assistir.

Quando a revista, por desenxabida,

Vos obrigue a dormir...

*(Acelera-se o movimento da música)*



Mas que ouço!! A concluir sou forçado de chofre!

Vem barulho do chão... sinto cheiro de enxofre!

*(Endireitando aqui e ali algum objeto)*

É o patrão!

Atenção!

Vai abrir-se o alçapão!

Verão!

*(Música forte. Pero Botelho surge do alçapão, acompanhado de labaredas.*

*Cessa a música)*

PERO BOTELHO

Não te enganes, Fritzmac, sou eu. *(Consultando o relógio)* Meia-noite: é a minha hora, meu velho. Não sou desses demônios de hoje, que se enfaram de modernismo, e desdenham os costumes dos nossos avós. É justamente por isso que te procuro, amigo.

FRITZMAC

Amigo, diz Vossa Alteza muito bem, porque nós, os homens da ciência, nada mais somos do que espíritos rebeldes, que se voltavam, como vós outros, contra as imposições de Deus. *(Pero Botelho pula e estremece)* Desculpe... sempre me esqueço de que não devo pronunciar o nome deste sujeito em presença de Vossa Alteza. *(Vai buscar um banco e oferece-o a Pero Botelho)* Deixe lá falar o velho Doutor Fausto, sábio carola e freguês de missas: a ciência é e sempre foi inimiga da Bíblia. Sente-se Vossa Alteza.

PERO BOTELHO *(sentando-se)*

A prova ai está em Galileu, que pregou uma boa peça a Josué, e em Franklin, que desmoralizou o raio... Mas tratemos do objeto que aqui me trouxe.

FRITZMAC

Sou todo ouvidos.

PERO BOTELHO

Há bastante tempo vivo preocupado com a capital de um vasto império americano, que tem sabido resistir à minha influência.

FRITZMAC

Vossa Alteza graceja.

PERO BOTELHO

Não, meu velho. A capital de que te falo é o meu desespero. Conheces perfeitamente o nosso esplêndido sucesso sobre o antigo mundo pagão. Babilônia excedeu à nossa expectativa. Sodoma e Gomorra foram duas teteias. Nínive, aquilo que tu sabes. O Egito foi nosso de uma ponta a outra! Depois Roma... Ah! Roma! Roma!... Tão cedo não apanhamos outro Nero, nem outro Calígula... Aquilo é que era ouro de lei! Estendemos depois o nosso domínio por toda a Europa... Paris, Londres, Berlim, Viena, São Petersburgo, Madri, todas as capitais, enfim, de certa ordem, foram a pouco e pouco cedendo à nossa influência. Conseguimos plantar o nosso reinado em todas elas! Mas, meu velho, a América... (*Abana a cabeça*)

FRITZMAC

A América não se tem explicado.

PERO BOTELHO

É o termo. Ainda lá para o Norte não temos ido de todo mal. New York promete, isso promete. Mas o Brasil...

FRITZMAC

O Brasil? Conheço. Um vasto território ocupado pelos portugueses.

PERO BOTELHO

Isso é história antiga. O Brasil tornou-se independente há sessenta e tantos anos. E o Rio de Janeiro, a capital desse vasto império, é o meu cavalo negro.

FRITZMAC

Deveras?

PERO BOTELHO

Imagina que não tem mordido nem a pontinha da isca que lhe atiro com tanta insistência!

FRITZMAC

É incrível!

PERO BOTELHO

Despejei no Rio de Janeiro todos os elementos corrosivos que pude apanhar na Europa. Debalde! A tal cidadezinha resiste, e tem se conservado...

FRITZMAC

Pura? Pois é possível que haja ainda no mundo uma cidade pura?

PERO BOTELHO

Pura, pura, não digo que o seja. Não exageremos. Mas está tão longe da perfeição europeia, como da China. Um ou outro pândego paga-me sobejamente o seu dízimo: mas não calculas que ingenuidade! que *sancta simplicitas*! Amam ainda e choram legítimas lágrimas. Há dedicação, há o que a moral chama bons exemplos; filhos modelos, mães extremosíssimas, quase santas, amigos desinteressados, e, parece incrível! há brio, há caráter, há honra!... Há lá quem dê a alma ao céu por uma questão de pundonor!... Para encurtar razões: já houve quem dissesse que a caridade se naturalizou fluminense!

FRITZMAC

É com efeito uma capital *sui generis*.

PERO BOTELHO (*erguendo-se, com resolução*)

Pois bem, estou resolvido a ocupar-me seriamente com aquilo, a nivelar o mundo. Não tolero semelhante exceção... E como estou convencido de que só com o auxílio da ciência poderei realizar o meu plano de combate, venho ter contigo, meu velho, que és o meu sábio. Serve-me, e ainda mais depressa apanharás aquilo que te prometi.

FRITZMAC

Já sei: a teteia. Estou às ordens de Vossa Alteza.

BEBO BOTELHO

Quero que reduzas a um indivíduo só, os sete pecados mortais. Compreendes que é muito mais prático e mais cômodo enviar uma só criatura ao mundo, em vez de mandar para lá sete tipos que se prejudicariam uns aos outros, e acabariam por neutralizar mutuamente o que fizessem.

FRITZMAC (*que tem estado a pensar, coçando a cabeça*)

É... o plano não é mau...

PERO BOTELHO

E é exequível?

FRITZMAC

Homem, Alteza, para falar francamente, não posso afiançar a exequibilidade do plano. Até hoje tenho feito apenas algumas transmissões da alma de um corpo para outro, eletrizado diversos cadáveres e dado vida a meia dúzia de seres inanimados. Mas isto de reunir num só corpo nada menos de sete espíritos, e que espíritos!

PERO BOTELHO

Recuas?

FRITZMAC

É muito fácil com dois indivíduos fazer sete... Para isso nem é necessário a ciência... Mas de sete fazer um... Enfim, nada se perde por tentar.

BEBO BOTELHO

Bravo! E quando tencionas dar começo ao teu trabalho?

FRITZMAC

Imediatamente.

BEBO BOTELHO

Nesse caso, mãos à obra! Vou invocar os sete pecados mortais!

CANTO

Eu ordeno com modo arrogante,  
E para isso não prego editais,  
Que apareçam aqui neste instante  
Os meus sete pecados mortais!

*(Abre-se o fundo, deixando ver uma pequena gruta de fogo. Os sete pecados mortais estão alinhados e em linha descem ao proscênio. Fecha-se o fundo)*

CENA II

*Fritzmac, Pero Botelho, os Sete Pecados Mortais.*

CORO DOS PECADOS MORTAIS

Pero Botelho, ó grande Alteza,  
Cá estamos nós!  
Obedecemos com presteza  
À tua voz,  
Rival de Belzebu,  
Que queres tu!

*(Continua a música em surdina na orquestra)*

PERO BOTELHO

Aí tens os sete pecados mortais, Fritzmac. São sete raparigas de se lhes tirar o chapéu.

FRITZMAC

Estão bem dispostas, estão... principalmente aquela... *(Aponta para a Gula)*

PERO BOTELHO

Já as conhecias?

FRITZMAC

Apenas de tradição.

PERO BOTELHO

Meninas, apresentem-se ao Doutor Fritzmac. (*À avareza*) Rompa  
você a marcha.

*(Os Pecados executam um pequeno movimento, e vão passando pela frente  
de Fritzmac sucessivamente, à medida que se apresentam)*

A AVAREZA

Sou a Avareza sórdida,  
Que a força deletéria  
Do pranto e da miséria  
Desenvolvendo vai;  
Para os males do próximo  
Apática não olho,  
Porque tudo aferrolho  
Que nestas unhas cai.

FRITZMAC

Faz muito bem. Quem para adiante não olha atrás fica.

A LUXÚRIA

Eis a luxúria, eis o pecado  
Que mais desgraças tem causado,  
E eternamente as causará!  
Enquanto, ao pé do masculino,  
No mundo houver o feminino,  
O meu domínio durará.

FRITZMAC

Também não sei por que fizeram disto um pecado...

A INVEJA

Eu sou a vesga inveja; invejo a toda a gente;  
Eu mordo-me, a chocar esta paixão ruim;  
Quando, por invejar, eu me sinto contente,  
Invejo a própria Inveja, invejando-me a mim.

FRITZMAC

Bom; esta tem muito em que se ocupar...

A GULA

A Gula sou; sou, e não vejo  
Em que um pecado possa...

FRITZMAC

Nem eu.

A GULA

Não alimento outro desejo  
Senão comer, comer, comer...

FRITZMAC

Este diabo abriu-me o apetite!

A IRA (*que faz fugir Fritzmac*)

Sumam-se! raspem-se,  
Que eu sou a Ira!  
Tudo me inspira  
Raiva e furor!  
Morro de cólera  
Se não espanco,  
Se não desanco  
Seja quem for!

FRITZMAC

Vá desancar o boi! (*A Soberba passa sem dizer nada*) Então a menina  
não solta a sua piada? Quem é?

A SOBERBA

Não tenho que lhe dar satisfações! (*Passa*)

FRITZMAC

Safa! é malcriada, é.

PERO BOTELHO

Pudera! é a Soberba...

FRITZMAC

Ah! (*Vendo passar a Preguiça*) E esta, que mal se arrasta?

A PREGUIÇA (*com voz muito descansada*)

Eu sou a Preguiça; não há neste mundo

Coisinha melhor do que o *dolce far niente*.

Eu vivo deitada de papo pra cima,

E tenho preguiça de tudo e por tudo.

FRITZMAC

Perdão, mas esses versos...

PERO BOTELHO

Não rimam: ela teve preguiça de rimá-los. Bem, meninas, entretenham-se a ver esses bibelôs da nigromancia. (*Os Pecados formam grupos ao fundo, examinando uma coisa ou outra. Pero Botelho vai ter com Fritzmac*) Anda, trata de me reduzir sete raparigas a um rapaz bem sacudido e esperto.

FRITZMAC

Um rapaz? Aí é que Vossa Alteza está na tinta.

PERO BOTELHO

Como assim?

FRITZMAC

Pois eu posso lá fazer um homem de sete mulheres!



PERO BOTELHO

Por quê?

FRITZMAC

Falta muita coisa. Não posso dispor de certos elementos dos quais nenhuma destas senhoras dispõe... a barba, por exemplo.

PERO BOTELHO

Pois arranja uma mulher, com um milhão de raios! Pode ser até que lucremos com a troca! Uma mulher vale por vinte homens, e o que ela não alcançar, nem eu mesmo conseguirei! Que seria de mim se não fosse a mulher?

FRITZMAC

Bom, comecemos o serviço. Vou metê-las todas naquela caldeira, que foi um presente de Vossa Alteza, e que tem sempre fogo.

PERO BOTELHO

Ah, sim! a caldeira de Pero Botelho; mas provavelmente resistem.

FRITZMAC

Resistem? Boas! E o hipnotismo?! (*Pero Botelho mostra pela cara que não sabe o que é*) Uma ciência moderna. (*Vai buscar uma escada de mão, que encosta a uma cadeira, ligada a uma retorta. Depois vai aos Pecados, faz alguns passes magnéticos e as raparigas ficam imóveis*) Vê Vossa Alteza? Estão prontas a obedecer à minha vontade!

## CANTO

FRITZMAC

Vamos lá, senhoras minhas.

Sem fazer oposição;

Entrem todas direitinhas

Para aquele caldeirão!

PERO BOTELHO

A fazer um simples gesto,  
Tudo alcança um sabichão!  
As pequenas, sem protesto,  
Vão entrar no caldeirão!

OS PECADOS

Que diabólica artimanha!  
Que esquisita sensação!  
Sinto que uma força estranha  
Vai me pôr no caldeirão!

JUNTOS

FRITZMAC

Vamos lá! senhoras minhas! etc.

PERO BOTELHO

A fazer um simples gesto, etc.

Os PECADOS

Que diabólica artimanha! etc.

*(Continua a música na orquestra. Fritzmac, sempre a fazer passes magnéticos, obriga os Pecados a entrarem para a caldeira. Eles o fazem a contra gosto. A Preguiça é a última)*

PERO BOTELHO

Agora me lembra. Essa não é lá precisa. No Rio de Janeiro o que não falta é preguiça.

FRITZMAC

Deixe-a ir... agora é maçada desipnotizá-la. *Quoci abundat non nocet.* (Empurrando a Preguiça) Vamos! vamos! mova-se!...

*(Estão todos os pecados no caldeirão)*

### CENA III

*Fritzmac, Pero Botelho.*

PERO BOTELHO

És um homem extraordinário!...

FRITZMAC

Ponha de quarentena os seus elogios, Alteza: quem sabe se, com tudo isto, nada mais consigo do que fazer um enorme ensopado?

PERO BOTELHO

Não me digas.

FRITZMAC (*trepá na escada, debruça-se sobre a caldeira, e começa a mexê-la com uma enorme colher de pau*)

Oh! oh! como a gorducha esperneia! Só o caldo que aquilo dá! A Ira como esbraveja! A Preguiça ainda está viva... tem preguiça até de morrer!

PERO BOTELHO

Que vais fazer dessa sopa?

FRITZMAC

Esta sopa, quando estiver completamente líquida, passará por essa retorta, e irá depositar-se naquele reservatório. Dali é que há de sair a mulherzinha.

PERO BOTELHO

E quanto tempo isso dura?

FRITZMAC

Uns cinco meses talvez.

PERO BOTELHO

Julguei que a coisa fosse mais rápida. Tenho lá paciência para esperar tanto tempo!

FRITZMAC

Oh! Alteza! o fogo, por mais forte que seja, não terá mais de três mil graus de calor específico.

PERO BOTELHO

No mundo, sim, mas no Inferno tenho fogo superior a trinta mil graus!

FRITZMAC

Ah! com esse fogo tudo se arranjava em alguns minutos.

PERO BOTELHO

Pois espera, vou, aplicar o fogo do inferno ao fundo da caldeira. *(Solta um assovio e formam-se grandes chamas vivas debaixo da caldeira)*

FRITZMAC *(subindo à escada)*

Xi! Fogo viste linguça! Nem sinal de osso existe já! Foi mais rápido que um raio! A sopa escorreu toda!

PERO BOTELHO

Quando teremos a nova criatura?

FRITZMAC

Não se demora muito. Só o tempo necessário para que o caldo passe pelos canais competentes, distribua as respectivas moléculas e esfrie de todo.

PERO BOTELHO

Bom!

FRITZMAC *(que tem ido examinar o aparelho)*

Vai muito bem; não temos que esperar mais do que alguns minutos. *(Apalpa o reservatório)* Está quase frio. Não tarda aí!

PERO BOTELHO

Deve ser completa essa mulher! Um ente feito da infusão de todos os meus pecados! (*Ameaçando*) Ah, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro! agora juro que não zombarás do poder do Diabo! Hás de pertencer-me!

FRITZMAC (*destapado o reservatório*)

Pronto!

(*Forte na orquestra. Sai uma mulher. Pero Botelho e Fritzmac dão-lhe a mão para descer*)

#### CENA IV

*Fritzmac, Pero Botelho, a mulher.*

PERO BOTELHO (*a Fritzmac*)

Como é linda e como estou contente! Amanhã terás a grã-cruz, meu velho!

FRITZMAC

Que perfeição de mulher!

#### CANTO

A MULHER

Quem sou?

Em que lugar estou?

(*Como se lembrando*)

Ah!

Tudo me lembra já!

#### TANGO

Sinto todos os pecados

Dentro de mim;

Inda não houve no mundo

Mulher assim!

Sou avarenta,  
Sou preguiçosa,  
Sou rabugenta,  
Sou invejosa,  
Irosa,  
Gulosa,  
Vaidosa.  
Uma mulher completa enfim!

FRITZMAC  
Ai, meu amor, como és bonita!  
Estão meus olhos cativados!

PERO BOTELHO  
O peito meu de amor palpita!  
És realmente os meus pecados!

OS TRÊS  
Sou avarenta, etc.  
É avarenta.

PERO BOTELHO  
Bom, acompanha-me. Vou confiar-te uma missão delicada. Mas agora me lembro: é preciso batizar esta pequena. Ela não há de ter sete nomes.

FRITZMAC  
Fui eu que a fiz. Nada mais justo que ter o nome do pai.

PERO BOTELHO  
Apoiado: chamar-te-ás Fritzmac. Madame ou Mademoiselle Fritzmac, à vontade. Vamos! Adeus! (*Mesura de Fritzmac*)

A MULHER  
Vamos! (*Sai, levada por Pero Botelho*)

FRITZMAC (*Indo gritar ao bastidor*)

Não vá Vossa Alteza esquecer-se da teteia!

## CENA V

*Fritzmac, só.*

FRITZMAC

Uma grã-cruz! uma grã-cruz! Isto era caso para um viscondado, pelo menos! Mas não é que o tal serviçozinho prostrou-me? (*Boceja*) Tenho sono... vou me deitar... e com a consciência de não haver perdido o meu dia. (*Sai*)

## CENA VI

*O Amor (só).*

*(Depois que Fritzmac se retira, a cena fica só, por alguns momentos. Há um forte na orquestra, um armário transforma-se numa gruta florida, e sai de dentro desta o Amor. Continua a música)*

O AMOR

Ao ver surgir esta figura,  
Que há tantos séc'los a pintura  
Vulgarizou,  
O espectador menos esperto  
De si pra si logo decerto  
Disse quem sou.

Mas, pelo todo, me parece  
Que esta figura não conhece  
Ali o senhor...

*(Aponta para um espectador qualquer)*

Se bem que o caso seja raro,  
Eu, pelas dúvidas, declaro  
Que sou o Amor.

Já percorri bem mau caminho,  
Já fui feroz, já fui daninho,  
Já fui fatal;

Mas hoje em dia só patetas  
Podem temer que as minhas setas  
Lhes façam mal.  
Não é, por Vênus! a vontade  
De atormentar a humanidade  
Que aqui me traz:  
Venho, contente e petulante,  
Desempenhar uma importante  
Missão de paz.  
*(Dirigindo-se para o fundo)*  
Vinde, olá! virtudes magas!  
Preciso do auxílio vosso! *(Ao público)*  
Ides ver que eu também posso

Invocar nas horas vagas...

*(Música. Abre-se o fundo, e aparece um templo de ouro e luz. As sete virtudes opostas aos sete pecados mortais aparecem abraçadas, e abraçadas descem ao proscênio, onde se desentrelaçam)*

## CENA VII

*O Amor, as Sete Virtudes, depois Amorosa.*

### CORO DAS VIRTUDES

Aqui estão, muito bem postas,  
Aqui estão, sem mais nem mais,  
As virtudes opostas  
Aos pecados mortais.

### PRIMEIRA VIRTUDE

Eu sou a Caridade.

### SEGUNDA VIRTUDE

Eu sou a Castidade.

### TERCEIRA VIRTUDE

Eu sou a Humanidade.



#### QUARTA VIRTUDE

A Liberalidade.

#### QUINTA VIRTUDE

A Temperança.

#### SEXTA VIRTUDE

Paciência.

#### SÉTIMA VIRTUDE

E a Diligência,  
Que não descansa!  
Se me encarrego  
De uma incumbência,  
Aquilo é zás!  
Trás!  
Nó cego!

#### TODAS

Zás!  
Trás!  
Nó cego!

#### A DILIGÊNCIA

Vamos! vamos, Amor! que desejas? para que nos invocaste? Dize!  
dize depressa, que não há tempo a perder!

#### A PACIÊNCIA

Para que tanta pressa? Temos muito tempo. Quem corre cansa.

#### A LIBERALIDADE

Cala-te, Paciência, já começas! Dize o que desejas, Amor.

#### O AMOR

Serei breve. Trabalha neste laboratório um mágico, doutor ou coisa que o valha chamado Fritzmac, que se acha ao serviço de Pero Botelho.

TODAS (*benzendo-se*)

Credo!

O AMOR

Pero Botelho quis enviar ao Rio de Janeiro os sete pecados mortais; não é preciso que eu vos diga com que intenções. Receando que sete criaturas não dessem boa conta do recado, porque se estorvavam mutuamente, incumbiu Fritzmac de reduzir as sete a uma só, por meio de misteriosos processos de alquimia. Pois bem: eu, o Amor, desejo opor um poder a esse poder... desejo extrair das virtudes opostas aos sete pecados mortais uma criatura que faça guerra à outra e lhe inutilize os planos. Para isso, valho-me do próprio laboratório do diabo, e não empregarei, como ele, o fogo do céu, mas o do amor, pois, como sabeis, o amor tem fogo.

A CASTIDADE

Oh! (*Tapa a cara*)

O AMOR

Perdoa, Castidade. (*Beija-lhe a mão*)

A LIBERALIDADE

Se for preciso fazer alguma despesa, cá estou eu.

O AMOR

Não, formosa Liberalidade: o Amor tudo arranja de graça. Muito obrigado. (*Beija a mão à Liberalidade*)

A CARIDADE

Estamos prontas para quanto quiseres.

A PACIÊNCIA

E pelo tempo que entenderes.

O AMOR

Ah, ah! Fritzmac, vais ver que o Amor é mais feiticeiro que tu!

(CANTO)

Mas agora reparo: trazeis flores...

Muito bem!

O vosso contingente, meus amores,

A propósito vem.

RONDÓ

Doce Humildade, na caldeira lança

Essas gentis violetas belas

Dá-me essas rosas, Temperança;

Perdoa se te obrigo a desfazer-te delas.

Lá dentro atira, Liberalidade,

Os teus esplêndidos lilases,

E tu, desfaz-te, ó Caridade,

Do amor perfeito, a flor que no teu seio trazes,

Essa camélia, ó cândida Paciência,

Lá da caldeira põe no fundo;

Dê-me o seu cravo a Diligência,

E dê-me a Castidade um lírio pudibundo.

*(As Virtudes obedecem à proporção que canta o Amor Todas as flores têm passado para a caldeira)*

A DILIGÊNCIA

Vais água-florida fazer?

O AMOR

Vão ver! vão ver!...

*(Bate com a seta na caldeira, e esta desaparece, deixando ver Amorosa)*

TODAS

Oh!

O AMOR

Filha do Amor e das Virtudes; chamar-te-ás Amorosa. Vem comigo... vou dar-te as minhas instruções. Urge sair deste lugar maldito. Minhas filhas, vamos!

TODAS

Vamos!...

CORO GERAL

Oh, que linda e bela fada  
Engendrou este fedelho!  
Ai, que peça bem pregada  
Ao Senhor Pero Botelho!

*(Saem correndo)*

## ATO I

### QUADRO IV

*O Largo da Lapa. Juntos a uma casa, um cabide na parede, uma esteira no chão, um baú, uma vela espetada no gargalo de uma garrafa; sobre uma cama de ferro, o Credor fuma tranquilamente e lê um jornal. Muitas pessoas do povo o rodeiam com curiosidade.*

### CENA I

*O credor, primeiro e segundo curiosos, pessoas.*

*(Do povo, depois um polícia)*

CORO

Oh, que coisa esquisita!  
Estaremos no mundo da lua?!  
O riso nos excita  
Ver um tipo morando na rua!  
Ah! ah! ah! ah! ah! ah!  
Esta agora não é má!

O CREDOR  
Paguei na Rua do Lavradio  
Por mês de casa trinta mil réis;  
Mas hoje o belo do senhorio  
Não me incomoda por aluguéis,  
Porém  
Eu não lhe exijo reparações,  
Pois tem  
Tudo na vida compensações.

CORO  
Oh, que coisa esquisita! etc.

O CREDOR  
Riam-se! Estou perfeitamente aqui! A casa não pode ser mais ventilada.

PRIMEIRO CURIOSO  
Mas diga-nos, por que está o senhor aí deitado?

O CREDOR  
É muito simples: tenho um devedor que mora aí defronte, e não há meio de apanhar-lhe vintém. Como o tenho procurado um ror de vezes, sem nunca o encontrar em casa, resolvi estabelecer aqui o meu domicílio. Desafio-o a que me escape!

PRIMEIRO CURIOSO  
E se o homem pagar?

O CREDOR

Se pagar, mudarei de residência. Morarei defronte de outro devedor. Irei para a Rua do Carmo. É um meio de cobrar dívidas e morar de graça.

SEGUNDO CURIOSO

Que caradura!

O CREDOR

Eh! lá! não insulte um homem que está em sua casa. Trouxe a minha cama, o meu cabide, o meu baú de roupa e uma vela, para ler um pouco antes de dormir. Com este gás, não há meio de enxergar as letras.

PRIMEIRO CURIOSO

E se chover?

O CREDOR

Já encomendei um toldo. O tempo está seguro. Espero que não chova antes que ele fique pronto.

SEGUNDO CURIOSO

Mas isto é proibido!

O CREDOR

Proibido? Mostre-me a lei que proíbe ao cidadão viver e dormir na praça pública. Na praça pública o que não se pode é fazer discursos políticos, isso sim. Mas dormir? Ora viva, meu amigo!

SEGUNDO CURIOSO

A polícia catrafila quem não tem domicílio certo.

O CREDOR

Mas eu tenho-o, que diabo! É este... Largo da Lapa, casa sem número, nem portas, nem janelas, nem teto, nem telhado, nem senhorio. Uma casa que não precisa de claraboia.

SEGUNDO CURIOSO

Isto nunca se viu!

*(Entra um polícia)*

O CREDOR

Viu-se em Atenas. Havia lá um Fulano Diógenes, que passava a vidinha na rua, dentro de uma pipa. Ele trazia uma lanterna; eu trago um recibo. Ele andava à procura de um homem; eu também, para ver se apanho o meu dinheiro. Somos ambos filósofos.

O POLÍCIA

Levante-se, retire-se, ao contrário vai para o xadrez.

PRIMEIRO CURIOSO

Onde também não pagará aluguel.

TODOS

Apoiado! Fora! Fora dai! É um abuso! etc.

*(Obrigam o Credor a levantar-se no meio de grande algazarra)*

O CREDOR

Não há liberdade neste país! Não pode um homem estar a gosto em sua casa!...

TODOS

Fora! fora!...

O CREDOR

Aos cães concede-se tudo... Podem dormir na rua... podem até fazer alguma coisa mais... e eu não tenho o direito de...

O POLÍCIA

Sabe que mais? Venha explicar-se na Estação.

O CREDOR

E a minha mobília?

TODOS

Vá! Vá! Nós levamos tudo isto! (*Cada um toma um dos objetos, e saem todos, fazendo grande algazarra*) Vamos à Estação! Vamos! etc.

## CENA II

*Antunes, o Barão do Macuco, entrando cada um do seu lado.*

O BARÃO

Não me engano... é seu Antunes!

ANTUNES

O Barão do Macuco! Não sabia que estivesse na Corte!

O BARÃO

Há quinze dias. Estou hospedado ali no Freitas Hotel.

ANTUNES

Ah, sei... abriu-se há pouco tempo. É um belo edifício. Embirro é com o nome: por que Freitas Hotel e não Hotel Freitas?

O BARÃO

Freitas Hotel entra melhor no ouvido. Nisto de nomes, um pouco de estrangeirice não faz mal. Nós temos, por exemplo, o Hotel do Caboclo (que é onde eu me hospedava antes de ser Barão); não era melhor Caboclo Hotel?

ANTUNES

Ah, sim... Caboclotel... caboclotel... Até parece inglês. Pois, Senhor Barão, encontra-me muito aborrecido da vida.

O BARÃO

Por que, homem de Deus?

ANTUNES



Imagine que eu tinha (tinha e tenho) um bilhete inteiro da tal grande loteria de Pernambuco.

O BARÃO

Saiu branco. Console-se comigo, que tinha (tinha e já não tenho) não um, mas três bilhetes, e foram sessenta mil réis deitados fora.

ANTUNES (*num tom de profunda tristeza*)

Pois eu tirei dois contos...

O BARÃO

Dois contos?! E é por isso que está aborrecido da vida?

ANTUNES

Naturalmente. Aborrecido, primeiro, por não ter apanhado a sorte grande. De que servem dois contos? Eu posso lá endireitar a vida com dois contos? E segundo, porque li nos jornais que só em Pernambuco se pagam os prêmios.

O BARÃO

Mas ora essa! Desconte o bilhete em qualquer quiosque, ou arranje um saque para Pernambuco.

ANTUNES

Se eu descontar o bilhete, tenho que perder alguma coisa, e a mim convinha-me receber os dois contos intactos. (*Zangado*) Maldita a hora em que me lembrei de comprar semelhante bilhete! Se eu adivinhasse que me havia de dar tanta maçada...

O BARÃO

Bom! Não vá agora suicidar-se por ter abiscoitado dois contos de réis na loteria!

ANTUNES

Oh, o Barão foi feliz! Os seus bilhetes saíram brancos... Invejo-o.

O BARÃO (*comovido*)

Pois olhe, foi contra a minha vontade. (*Abraçando-o*) Coitado! pobre amigo! ganhou dois contos de réis, e só pode recebê-los em Pernambuco. Que desgraça!

ANTUNES

É mesmo muito caiporismo.

O BARÃO

Tenha paciência. Não viemos a este mundo senão para sofrer. Olhe, aqui onde me vê, não passei pelo transe de tirar dois contos na loteria, mas tirei-me dos meus cuidados, fui ao Eldorado, e não há meio de sair de lá todas as noites. Veja se não é também uma desgraça. Vim passar cinco ou seis dias na Corte, já lá se vão quinze... a Baronesa todos os dias chama por mim... e não há meio de arrancar-me do Baco do Império. (*Vendo passar Mademoiselle Fritzmac*) Ui! que tetéia! (*Dirige-se a ela*)

ANTUNES (*à parte*)

É o mesmo homem: em vendo rabo-de-saia...

### CENA III

*Antunes, o Barão, Mademoiselle Fritzmac, depois Amorosa.*

O BARÃO

Minha senhora, quer um criado para carregar esse embrulhinho?

MADemoiselle FRITZMAC

Obrigada. Não aceito obséquios de pessoas que não conheço.

O BARÃO

A senhora diz isso porque não me conhece.

MADemoiselle FRITZMAC

Monsieur de La Palisse faria a mesma observação. Com quem tenho a honra de falar?

ANTUNES (*aproximando-se*)

Com o Barão do Macuco, um dos primeiros políticos da província do Rio.

O BARÃO

E este é o meu amigo Antunes, que acaba de passar pelo doloroso transe de tirar dois contos de réis na loteria... quando podia tirar cinquenta.

ANTUNES

Ou não tirar coisa alguma.

MADEMOISELLE FRITZMAC (*à parte*)

O Barão do Macuco! É o homem que me convém...

O BARÃO

E agora posso saber quem é a formosa dama com quem tenho a honra de falar?

MADEMOISELLE FRITZMAC

Pois não!

### VALSA

Eu sou solteira,  
E independente,  
Vivo contente,  
A viajar;  
Corro, percorro  
Todo esse mundo  
Vasto e profundo  
Sem descansar.  
Amo os prazeres,  
E pelo vinho  
Tenho um gostinho  
Particular.  
Apraz-me um tipo

Que me acompanhe  
Quando o *champagne*  
Possa pagar.  
Pátria não tenho,  
Não tenho afeto,  
Não tenho lar.  
Eu sou formosa  
Cosmopolita,  
Que necessita  
Rir e folgar!  
Ah!  
Eu sou solteira, etc.

O BARÃO

Bravo! bravo! admirável!...

ANTUNES (*à parte*)

Está caído!

AMOROSA (*que durante o canto apareceu, e observou sem ser vista, à parte*)

Vai seduzi-lo, mas eu o defenderei! (*Sai*)

O BARÃO

A madama canta muito bem. Canta muito bem, e entoa. É do Eldorado?

MADEMOISELLE FRITZMAC

Não, mas talvez me contrate lá.

O BARÃO

E é indiscrição perguntar onde mora?

MADEMOISELLE FRITZMAC

Barão caiu-me em graça: não será nunca indiscreto. Moro ali pertinho, no próprio Beco do Império.

O BARÃO

Somos vizinhos, a madame, o Eldorado e eu. Estou ali no Freitas.

*(São interrompidos por um Medroso, que entra a correr e esbarra em Antunes)*

#### CENA IV

O Barão, Antunes, Mademoiselle Fritzmac, o medroso, depois um Padre, Povo.

ANTUNES

Eh! olá! Não enxerga?

O MEDROSO *(esfalfado)*

Ah!... desculpe... É que... Parece que eles ficaram longe... Vim a correr... desde... o Campo de Santana.

O BARÃO

A correr de quê?

O MEDROSO

Dois malfeitores, armado cada um com uma faca deste tamanho!

MADEMOISELLE FRITZMAC *(contente)*

Ah! *(Interessada e sorrindo)* Mataram alguém?

O MEDROSO

Mataram uma porção de gente... e, afinal, não tendo mais a quem matar, esfaquearam um burro de bonde! *(Sai correndo)*

O BARÃO

Um burro?! Já não estou bem aqui!

ANTUNES

Há perigo.

MADEMOISELLE FRITZMAC

Nesse caso, venham cá para casa. Almoçam ambos comigo.

ANTUNES

Eu não, que não dispenso o meu almoçozinho de quatrocentos réis no Democrata. Até sempre, Barão. Minha senhora...

O BARÃO

Adeus, seu Antunes, apareça.

*(Saem todos. Entra o Padre, com uma tocha quebrada na mão, perseguido pelo povo)*

O PADRE

Deixem-me! deixem-me!.

*(O povo persegue-o, dando uma volta pelo palco, e cantando)*

CORO

Este padre está demente!...

Doido varrido ficou!

Aqui escandalosamente

O padre, o padre pintou!

Fiau!

Fiau!

Deu-nos de tocha! Que sistema novo

De edificar o povo!

*(Sai o Padre, perseguido pelo coro. Mutaçãõ)*

## QUADRO V

*Sala rica em casa de Mademoiselle Fritzmac.*

## CENA I

*Mademoiselle Fritzmac, o Barão, depois uma criada.*

*(O Barão almoçou bem; traz o colete desabotoado, palita os dentes, e está ligeiramente perturbado pelo vinho)*

O BARÃO

Sim, senhor! Tratou-me à vela de libra! (*À parte*) Nunca vi uma mulher comer tanto!

MADEMOISELLE FRITZMAC

Espere pelo resto.

O BARÃO

Gostei muito daquela... Como é mesmo o nome que você lhe deu?... Manarezi?

MADEMOISELLE FRITZMAC

Maionese.

O BARÃO

É isso. Eu aprecio também os quitutes franceses. Gosto tanto deles como de uma boa feijoada porca.

*(A criada entra, trazendo uma bandeja com duas chávenas de café, uma garrafa de conhaque e dois cálices. Mademoiselle Fritzmac passa uma xícara ao Barão)*

MADEMOISELLE FRITZMAC

Veja se o seu café é melhor do que este!

O BARÃO

Meu café é do melhor, e de terra ferruginosa. Este ano a colheita será esplêndida, se não vier por aí alguma retirada de negros. Não me queixo dos abolicionistas: queixo-me dos meus colegas que facilitam muito. (*Acaba de tomar café, e Mademoiselle Fritzmac oferece-lhe um cálice de conhaque*) Mais bebida? Enfim, vá lá! (*Depois de tomar o cálice de conhaque, repoltreia-se, palitando os dentes; ela tem tomado também o seu cálice, e apresenta uma cigareira ao Barão, depois de acender um cigarro. A criada sai*)

MADEMOISELLE FRITZMAC

Fuma?

O BARÃO

Eu só pito cachimbo. (*Boceja e espreguiça-se*)

MADEMOISELLE FRITZMAC (*sentando-se perto dele*)

Sabe que estou simpatizando muito com você?...

O BARÃO

Qual, madama! Quem sou eu para acompanhar nosso pai fora de horas!...

MADEMOISELLE FRITZMAC

São destas coisas! A gente sabe lá por que fica embeijada por um homem?... Às vezes um defeito, uma esquisitice, o que nos seduz... E você sabe: quem o feio ama bonito lhe parece.

A CRIADA (*entrando*)

Está aí o Clube dos Fenianos.

MADEMOISELLE FRITZMAC

O Clube dos Fenianos? Que pretende ele de mim? Fá-lo entrar. (*Ao Barão*) Você dá licença!

(*A criada sai*)

O BARÃO

Ó menina, faça de conta que está em sua casa!...

## CENA II

*Os mesmos, o Clube dos Fenianos, depois o Clube dos Democráticos, depois o Clube dos Progressistas da Cidade Nova.*

O CLUBE DOS FENIANOS (*aparecendo à porta*)



Dá licença, Mademoiselle Fritzmac?

MADEMOISELLE FRITZMAC

Entre, cavalheiro. (*Apresentando o Barão, que cumprimenta sem se levantar*) O Barão do Macuco. (*Ao Barão*) O Clube...

O CLUBE DOS FENIANOS

Eu mesmo me apresento.

COPLA

O Clube eu sou dos Fenianos.  
Outro melhor não pode haver;  
Tenho vencido os demais anos,  
E agora mesmo hei de vencer!  
Proclamará por toda a parte  
Da Fama a voz universal  
Que só o meu carro de estandarte  
Vale por todo um carnaval!  
Não há, não há,  
Nem haverá  
Assim um clube, olá!...

(*Dança canção ao som dos últimos compassos. Durante o canto, o Barão dormita*)

MADEMOISELLE FRITZMAC

Queira sentar-se. (*Sentam-se ambos*) A que devo a honra de sua visita?

O CLUBE DOS FENIANOS

Ao grande empenho de que a senhora faça parte do nosso préstimo carnavalesco, este ano. Não se arrependerá. É um excelente anúncio para o seu gênero de negócio. Juro que seremos os primeiros em tudo: em grandeza, em luxo, em espírito, em bom gosto e...

MADEMOISELLE FRITZMAC

E em modéstia.

O CLUBE DOS FENIANOS

Peço-lhe ardentemente que não aceite convite de outro clube.

MADEMOISELLE FRITZMAC

Pode ser. Veremos.

O CLUBE DOS FENIANOS

O carnaval está a pingar; o tempo é curto e a senhora tem de preparar-se. A senhora é a mais rutilante estrela do nosso horizonte, e o Carnaval é a única moldura capaz de fazer sobressair a sua beleza! Oh! venha! decida-se a vir conosco! Os Tenentes não saem este ano à rua.

MADEMOISELLE FRITZMAC

Ah! não saem? Há de ver que é a sociedade que se apresenta com mais espírito.

O CLUBE DOS FENIANOS

Não deixe que os Democráticos nos passem a perna!

MADEMOISELLE FRITZMAC

Pois sim, se me resolver...

O CLUBE DOS FENIANOS

É preciso que se note: não consentimos que a senhora faça a menor despesa; escolha a seu gosto uma fantasia, o carro que desejar, os cavalos que quiser, e nós marcharemos com os cobres! Aceita?

MADEMOISELLE FRITZMAC

Darei depois uma resposta definitiva.

A CRIADA (*entrando*)

Está aí o Clube dos Democráticos...

O CLUBE DOS FENIANOS (*à parte, levantando-se*)

Ora bolas!

MADEMOISELLE FRITZMAC

Outro? Que entre!

O BARÃO (*abrindo um olho*)

Não me deixam ficar um instante só com ela!... (*Adormece de novo*)

O CLUBE DOS FENIANOS

Encontra o beco tomado.

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS (*à parte*)

Dá licença?

MADEMOISELLE FRITZMAC (*levantando-se*)

Pois não!

#### COPLA

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS (*entrando*)

O Clube eu sou dos Democráticos,

Vai o triunfo ser meu só!

Outro não há de mais espírito

Que se apresente mais liró!

Nem Progressistas, nem Políticos,

Nem Fenianos que sei eu!

Não são assim como eu tão pândegos,

Nem têm decerto o valor meu!

Não há, não há,

Nem haverá

Um clube assim, olá!... (*Dança*)

MADEMOISELLE FRITZMAC

Vou apresentá-lo ao Barão...

(*O Barão ronca*) Coitado! deixá-lo dormir! (*Vai apresentar os Democráticos aos Fenianos, mas eles medem-se com um olhar de desafio e*

*voltam-se as costas*) Bem, vejo que já se conhecem... (*Cada um dos Clubes dá um grande assovio*) Sentemo-nos. (*Sentam-se*)

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS

Minha senhora, vinha convidá-la para tomar parte no nosso préstito este ano... A senhora é indispensável!

MADEMOISELLE FRITZMAC

Este senhor acaba de fazer o mesmo pedido...

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS

E a senhora comprometeu-se?

MADEMOISELLE FRITZMAC

Não resolvi coisa alguma.

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS

Nesse caso, decida-se por nós. Pagamos todas as despesas e damos-lhe ainda em cima trezentos mil réis.

O CLUBE DOS FENIANOS

E nós quinhentos...

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS

Seiscentos!

O CLUBE DOS FENIANOS

Oitocentos!

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS

Um conto de réis!

O CLUBE DOS FENIANOS (*depois de hesitar*)

Um conto e vinte e cinco mil réis! (*Olha vitorioso para o rival. À parte*) Quero ver se cobre o lance!...

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS

Minha senhora, nós lhe faremos um a pensão mensal de duzentos mil réis durante toda a sua vida. Isso é mais seguro. Um conto e vinte e cinco mil réis gastam-se numa pândega, ao passo que a senhora terá aqueles cobrinhos certos no fim de cada mês...

O CLUBE DOS FENIANOS

Eu faço-lhe um patrimônio, minha senhora!

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS

Eu arranjo-lhe um dote!

O CLUBE DOS FENIANOS

Eu dou-lhe um noivo!

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS

E, eu dois!

A CRIADA (*entrando*)

Está aí o Clube dos Progressistas da Cidade Nova!

OS DOIS (*levantando-se*)

Hein?

MADemoiselle FRITZMAC (*levantando-se*)

Ainda? Manda-o entrar! Já agora farei coleção!

O BARÃO

Estou roubado!... (*Torna a adormecer e daí em diante ressona*)

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS

Pois a senhora dá confiança àquele tipo?...

O CLUBE DOS FENIANOS

Até a Cidade Nova!...

O CLUBE DOS PROGRESSISTAS DA CIDADE NOVA (*entrando*)

Dá licença, minha senhora? Oh! os colegas por cá?... Agradável surpresa!...

O CLUBE DOS FENIANOS

Viva!

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS

Adeus!

O CLUBE DOS PROGRESSISTAS DA CIDADE NOVA (*à parte*)

Impostores!... (*A Mademoiselle Fritzmac*) Senhora madama, faça favor de me ouvir.

#### COPLA-LUNDU

Eu não sou nenhum gabola;  
Sou modesto e faço bem;  
Dar não pode o mais pachola  
Mais do que tem.  
Se a madama no meu carro  
Quer ir cheia de europeis,  
Imediatamente escarro  
Trinta mil réis.

(*Dança*)

O CLUBE DOS FENIANOS

Creio que o amigo perde o tempo... nós já cá estávamos, e eu em primeiro lugar!...

O BARÃO (*sonhando*)

Vinte mil arrobas a dez mil réis... Duas vezes um, dois... (*Resmungo*)

O CLUBE DOS FENIANOS

Dê-me preferência! Cheguei em primeiro lugar! Eu disponho do que há de melhor no gênero mulher!...

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS

Não lhe dê ouvidos! aquilo tudo é prosa!

O CLUBE DOS PROGRESSISTAS DA CIDADE NOVA (*querendo conciliá-los*)

Então, colegas, então! (*É repelido pelos dois*) Ah! orgulhosos! Querem a guerra?! Pois bem — guerra!

(*Os três começam a falar de modo que ninguém entenda, disputam e caem por cima do Barão, que desperta sobressaltado, pedindo por socorro; mas, vendo que se trata de três imprudentes, agarra na cadeira e corre com eles, enquanto Mademoiselle Fritzmac ri às gargalhadas*)

### CENA III

*Mademoiselle Fritzmac, o Barão, depois a criada.*

O BARÃO

Que desordeiros!

MADemoiselle FRITZMAC

Deixá-los!

A CRIADA (*entrando, baixo*)

Está ai um mocinho muito bonitinho, que quer falar com a senhora...

MADemoiselle FRITZMAC

Quê?... Ainda algum clube?...

A CRIADA

Não, minh'ama, é um moço de espírito: deu-me esta moeda!

MADemoiselle FRITZMAC

Uma libra? Deve então ser muito rico... Fá-lo entrar!

O BARÃO

Que segredinhos são esses?...

MADEMOISELLE FRITZMAC

Xi! Que cara de sono!... Olhe! entre naquele quarto e lá encontrará onde dormir.

O BARÃO

Mas observo-lhe que não gosto de estar muito tempo sozinho... (*Sai*)

MADEMOISELLE FRITZMAC

Manda entrar o mocinho.

(*A criada sai. Entra Amorosa, disfarçada em rapaz*)

#### CENA IV

*Mademoiselle Fritzmac, Amorosa.*

AMOROSA (*à parte*)

Queres seduzir esse pobre chefe de família, mas a seduzida serás tu!

MADEMOISELLE FRITZMAC

Ah! (*À parte*) Como é lindo!...

AMOROSA

Perdoe, minha senhora, tanta ousadia... Se assim o ordena, retire-me... (*Faz menção de retirar-se*)

MADEMOISELLE FRITZMAC (*correndo para ele, com ímpeto, e tirando-lhe o chapéu das mãos*)

Não! Não saia, e diga o que o trouxe aqui.

AMOROSA

O que me trouxe foi o... amor!

MADEMOISELLE FRITZMAC

O amor?...

AMOROSA

O amor, sim, minha senhora.



(COPLA

Eu vi teus olhos divinais,  
E nunca mais tive sossego,  
Pois cada vez te adoro mais  
E amar-te é o meu único emprego.  
Vim declarar-te o meu amor,  
Guardar não posso este segredo...  
Vê como tremo, ó minha flor!...  
Não sei de quê, mas tenho medo!

MADemoiselle FRITZMAC

Pobre rapaz!...

AMOROSA

Nunca amei outra mulher, nem nunca pensei que o amor fosse um sentimento tão despótico! Depois que te amo, só em ti penso, só te vejo a ti! Nada mais te peço, entretanto, senão que me deixes de vez em quando passar alguns momentos com as tuas mãos entre as minhas.

MADemoiselle FRITZMAC (*à parte*)

Coisa estranha! E não é que estou sensibilizada? Sinto neste instante por ele o que nunca senti por ninguém! Dir-se-ia que também o amo!

AMOROSA

Se quiseres, serei teu e só teu. Mudarás de vida... Levar-te-ei para o campo... casar-nos-emos... Que existência feliz e honesta passaremos numa casinha, entre árvores, até que, depois de muitos anos de virtude, sempre ao lado um do outro, cercados pelos nossos filhos e pelos nossos netos, eu te veja, coroada de cabelos brancos, passar entre o bom povo do campo, aureolada pelas bênçãos de todos, e amada por Deus (*Mademoiselle Fritzmac estremece*), que nos esperará no céu, sorrindo, de braços abertos!

MADemoisELLE FRITZMAC (*afastando-se*)

Cala-te, criança! Esses prazeres não se fizeram para mim! se para o teu amor é necessário o meu arrependimento, foge de mim, nunca mais me procures!

AMOROSA

Vejo que não poderás ser minha... Adeus!

(*Mademoiselle Fritzmac não responde. Amorosa retira-se lentamente e sai*)

MADemoisELLE FRITZMAC (*depois de algum tempo*)

Não! Não posso separar-me dele! Amo-o! (*Põe o chapéu e sai*)

## CENA V

*O Barão, depois o Congresso dos Fenianos, depois a criada.*

O BARÃO (*entrando e vendo-a sair*)

Madama! madama! Ela sai? Nada, isso é que não está no programa! (*Pega no chapéu, vai a sair, e esbarra-se com o Congresso dos Fenianos*) Oh, senhor! (*O Congresso vai falar*) Não lhe posso dar atenção! (*Sai*)

A CRIADA (*entrando*)

Que deseja o senhor?

O CONGRESSO DOS FENIANOS

Falar a Mademoiselle Fritzmac.

A CRIADA

Saiu neste momento. (*À parte*) Estes meninos!...

O CONGRESSO DOS FENIANOS

Pois quando ela vier, tenha a bondade de lhe dar este cartão... e pedir-lhe que não se comprometa com ninguém. (*Sai*)

A CRIADA (*só, lendo o cartão*)

Congresso dos Fenianos. Também este! (*Indo gritar à porta*) Cresça e apareça! (*Sai pelo lado oposto. Mutação*)

## QUADRO VI

*No Jardim Zoológico.*

### CENA I

*A raposa, a onça, o leão, o jacaré, o tigre, o galo, que descem ao proscênio; depois o Chefe dos Coelhos.*

CORO

Do Jardim Zoológico

Eis o ministério!

E, como hoje é sábado,

Há conselho, e sério!

A RAPOSA

Vamos lá, meus senhores! Antes de expor os negócios públicos à nossa amável rainha, a majestosa gazela, procedamos a um pequeno ensaio geral.

TODOS

Apoiado!

A RAPOSA

Tanto na pasta dos Negócios Interiores, como na dos Negócios Exteriores, ambas comigo, não há novidade de maior. Fale o Senhor Onça, Ministro das Finanças.

A ONÇA

Excelentíssimo Senhor Raposa, as finanças estão no mesmo pé e na mesma mão em que estavam sábado passado. As coisas vão perfeitamente, e melhor hão de ir se me deixarem realizar as reformas que projeto.

A RAPOSA

Ainda bem... vê-se que estar a Onça no governo não quer dizer que o governo esteja na onça.

TODOS

Apoiado!

A RAPOSA

E que diz o Senhor Galo, Ministro dos Rolos?

O GALO

Não há novidade no galinheiro. Depois que lhe pusemos aquela tranca, reina a paz... em Varsóvia.

A RAPOSA

Ainda bem. Senhor Leão, Ministro da Lavoura, que há de novo pela sua pasta?

O LEÃO

Grandes projetos, meu senhor, grandes projetos! A existência deste jardim começa apenas, e o nosso maior cuidado deve ser povoá-lo. Conto que não fique aqui lugar para uma formiga.

A RAPOSA

Muito bem. E o Senhor Tigre? que tem feito?

O TIGRE

Ah, Senhor Presidente, esta pasta das coisas justas, habitualmente tão calma, está começando a dar-me água pela barba!

A RAPOSA

Que me diz?

O TIGRE

Que o diga ali o Senhor Jacaré, Ministro das Águas.

O JACARÉ

É verdade; as coisas não vão lá para que digamos.

A RAPOSA

Mas expliquem-me!...

O JACARÉ

Olhe, é melhor que vossa excelência se informe com o Chefe dos Coelhos, encarregados da ordem pública. Ele aí vem.

*(O Chefe dos Coelhos entra apressado)*

A RAPOSA

Então? que há? que há?

O CHEFE DOS COELHOS

O diabo com botas! Os meus coelhos estão atrapalhadíssimos!

A RAPOSA

Mas por quê?

O CHEFE DOS COELHOS

Estava um peixe a fazer desordem fora do seu elemento. Um coelho prendeu-o, mas teve o desazo de tratá-lo como a um reles parati, quando era um badejo de alta prosápia.

A RAPOSA

E daí?

O CHEFE DOS COELHOS

Daí, é que os peixes escamaram-se, e voltaram-se todos contra os coelhos!

A RAPOSA

Fizeram-na bonita! *(Ao Tigre)* Vá imediatamente demitir o coelho que deu causa ao conflito! *(O Tigre sai)* É preciso ter muito cuidado com aquela gente. Se eles não se satisfizerem com essa demissão, as coisas ficarão muito entroviscadas.

O CHEFE DOS COELHOS

Antes que elas se entrovizquem, peço a vossa excelência que me meta na relação dos beneméritos. O seguro morreu de velho.

*(Barulho fora)*

A RAPOSA

Aquilo que é?

O TIGRE *(entrando a correr)*

O bicho está demitido, mas não há meio de acalmar os outros!

A RAPOSA

Mau! mau! mau! mau!...

## CENA II

*Os mesmos, um grupo de coelhos, um grupo de peixes, aquele perseguido por este.*

## CORO

OS PEIXES

Vingança, amigos, vingança!

Vingar-nos todos devemos!

Lavemos sem mais tardança,

O insulto que recebemos!

OS COELHOS

Desejam todos vingança!

Pois bem! fugir-lhes devemos!

Fujamos sem mais tardança,

Senão, em boas nos vemos!

A RAPOSA

Sabem que mais? Vou expor todas estas circunstâncias à nossa amável rainha, e pedir providências contra tamanha falta de disciplina! Esperem-me aí vocês, que já volto. (*Sai*)

O TIGRE

A rainha é capaz de dar razão aos peixes!

A ONÇA

E se assim for, vamos para os peixinhos.

O CHEFE DOS COELHOS

Contanto que me metam na relação dos beneméritos.

O GALO (*olhando para dentro*)

Vejam!... o Senhor Raposa conversa com a rainha...

A ONÇA

Sua Majestade está com cara de poucos amigos...

O TIGRE

A conversação anima-se.

O CHEFE DOS COELHOS

Gesticulam ambos.

O GALO

Céus!

TODOS

Que é?

O GALO

O Senhor Raposa entregou as suas pastas! (*Atirando-se ao chão*) Caí!...

TODOS (*menos o Leão e o Chefe dos Coelhos, atirando-se ao chão*)

Caímos!

A RAPOSA (*entrando muito cabisbaixa, e atirando-se também ao chão*)  
Cai!... (*Ao Chefe dos Coelhos*) Você também caiu!

O CHEFE DOS COELHOS

Eu? Pois isso é possível? (*Sentando-se no chão, muito desconfiado e aos poucos*)

A RAPOSA

Caiu, sim, senhor. Caiu, e deu causa a que todos nós caíssemos. A rainha exigiu a sua demissão. Eu apoiei-o... nada! — fiz finca-pé, ela também, e não tive remédio senão resignar o poder!

O CHEFE DOS COELHOS

Estou arranjadinho!...

A RAPOSA (*ao Leão*)

Olá, amiguinho, está de pé? Olhe que você também caiu!

O LEÃO

Eu? Boas! Estava com vocês por honra da firma! Hei de fazer parte do novo governo!... (*Sai. Ouvem se foguetes*)

A RAPOSA

Estão ouvindo? A notícia é recebida com foguetório! Aposto que hão de deitar luminárias na gaiola dos macacos! (*Suspirando*) Ah!...

TODOS (*suspirando*)

Ah!...

CORO

Nesta vida sem ventura,  
Tudo é pérfida ilusão;  
Pensa a gente estar segura,  
Quando leva um trambolhão!  
Ai! ai!  
Ai! ai!  
Tudo neste mundo



De catrâmbias cai!

Ai!

*(Os bichos acabam chorando. Findo o canto, aparece o Comendador Vila Isabel, que estaca ao ver a bicharia reunida)*

### CENA III

*Os bichos, que logo saem, o Comendador Vila Isabel, depois o Barão do macuco; depois o Carnaval, depois Mademoiselle Fritzmac e Amorosa, depois Pero Botelho, depois o Barão e o Comendador Vila Isabel, depois o Amor.*

VILA ISABEL

Que é isso? que pândega é esta?... Já para os seus lugares! *(Todos os bichos se levantam e fogem)* São temíveis! Em apanhando a gente descuidada, vêm cá para fora fazer política!...

O BARÃO *(entrando, consigo)*

Qual! já perdi as esperanças de encontrá-la... Meteu-se com o pelintra num bonde de Vila Isabel... julguei que tivessem vindo para o Jardim Zoológico.

VILA ISABEL

Oh! Barão!...

O BARÃO

Oh! Comen... Comendador ou Barão também?

VILA ISABEL

Comendador... Comendador... mas não tarda por aí o baronato.

O BARÃO

Não me canso de admirar o seu jardim...

VILA ISABEL

Meu é um modo de dizer.

O BARÃO

Oh! o Comendador tem sido a alma deste bairro vitorioso! Vejo constantemente nas *Notícias Várias* os presentes que todos os dias se fazem ao Jardim Zoológico. Hei de mandar-lhe também dois macacos e uma jararaca.

VILA ISABEL

Serão recebidos com muito prazer.

O BARÃO (*à parte*)

Não lhe poder eu mandar minha sogra!...

*(Entra o Carnaval, e vai sentar-se num banco a meditar profundamente até chegar-lhe a ocasião de falar)*

VILA ISABEL

Temos aí uma onça muito bonita, chegada hoje. Quer vir vê-la?

O BARÃO

Com todo o prazer. (*À parte*) O que eu queria era encontrar a pequena.

VILA ISABEL

Venha por cá.

*(Sai com o Barão. Mademoiselle Fritzmac entra com Amorosa)*

MADemoiselle FRITZMAC (*correndo*)

Ai, que linda borboleta! que linda! Ora! Voou!...

AMOROSA

Pousou naquele galho... vou apanhá-la e trazer-lha, mas com a condição de que lhe não fará mal.

MADemoiselle FRITZMAC

Descansa. (*Amorosa sai*) É singular! Operou-se uma revolução completa em todo o meu ser! Como adoro este rapaz... uma adoração pura... sagrada... quisera vê-lo sempre, sempre ao meu lado, e, no entanto, não me tarda o momento de estar com ele a sós... Se Pero Botelho soubesse disto...

PERO BOTELHO (*deitando a cabeça fora do tronco de uma árvore*)  
És uma idiota!

MADEMOISELLE FRITZMAC  
Pero Botelho!

PERO BOTELHO  
Os momentos são preciosos... Pois não vês, minha tonta, que esse mancebo por quem te apaixonaste é uma mulher como tu?

MADEMOISELLE FRITZMAC  
Uma mulher!

PERO BOTELHO  
É a suma das Virtudes, como tu és a suma dos pecados. Obra do Amor, que me quis pregar uma peça; mas para cá vem de carrinho. Não me posso demorar mais tempo. Cautela! (*Desaparece*)

MADEMOISELLE FRITZMAC (*só*)  
Em que esparrela ia eu caindo!

AMOROSA (*voltando com a borboleta*)  
Aqui a tens, meu amor! É azul como os teus olhos e doirada como Os teus cabelos!

MADEMOISELLE FRITZMAC (*toma a borboleta, esmaga-a e pisa-a aos pés*)  
Aí tens o caso que faço da tua borboleta! (*Gesto de espanto de Amorosa*) Julgas que continuarei a ser o teu ludibrio? Descobri toda a verdade, e a tempo de evitar que frustres o desempenho da minha missão! (*Vendo o Barão, que entra com o Comendador Vila Isabel*) É o

diabo que O envia! (*Vai abraçar o Barão; Vila Isabel foge envergonhado*) Oh, meu bom amigo... meu querido Macuco... já te não largo!...

O BARÃO  
Ora graças!

MADEMOISELLE FRITZMAC  
Vamos jantar ali no hotel...

O BARÃO  
Mas que foi isto?

MADEMOISELLE FRITZMAC  
Vamos!

(*Sai com o Barão, que lança um olhar de triunfo a Amorosa*)

AMOROSA (*só*)  
Não há que ver! Fui vencida pelo diabo!

O AMOR (*aparecendo*)  
Vencida! Isso é o que havemos de ver!

AMOROSA  
Ah! és tu? Ainda bem! Inspira-me; diz-me O que devo fazer.

O AMOR  
É preciso que esse homem se apaixone por ti. É o único meio de salvá-lo. Vai!

AMOROSA  
Serás obedecido. (*Sai*)

O AMOR (*só*)  
A Fritzmac tem seguido muito mal as instruções do diabo. Atracou-se a um homem isolado, sem se lembrar de que uma andorinha só

não faz verão. A minha vitória será ainda mais fácil do que eu supunha.

### COPLAS

#### I

Quando nalgum ponto  
Meto o meu bedelho,  
O poder afronto  
De Pero Botelho.  
'Stava eu bem servido,  
Se fosse vencido!  
Meu pobre Pero Botelho,  
Tu cantas, mas não entoas...  
Venceres este fedelho?  
Boas!

#### II

Quando antigamente  
Era um deus vendado,  
Fui por toda a gente  
Bem mistificado.  
Hoje nem por graça  
Já ninguém me embaça...  
Meu pobre Pero Botelho, etc.  
(*Desaparece*)

### CENA IV

*O Carnaval, depois o Entrudo, depois o High-Life.*

O CARNAVAL (*só, erguendo-se*)  
Desanimado estou! Não tenho ideias!  
Mas não! mas não! Desanimar não quero!  
Hei de vencer, espero! (*Outro tom*)  
Estou bem aviado!  
Pois o Entrudo não vem para este lado!

O ENTRUDO (*entrando*)

Ó Carnaval tirânico!

Maldito sejas, que a vitória é tua!

Já não se encontra uma bisnaga tímida,

Nem um limão de cheiro sai à rua!

Quisera que tu, déspota,

Me disseses a causa dos meus males!

Por que razão não tenho o teu prestígio?

Por que razão não valho o que tu vales?

O CARNAVAL

Não me interrompas! cala-te, defunto!

Não me vês dando tratos ao bestunto?

O ENTRUDO

Tu procuras espírito?

Encontrá-lo não podes nesse vaso!

É mel que não se fez para os teus lábios

(*O Carnaval encolhe os ombros*)

Ria-te, provavelmente, se eu acaso

Te disser que fui muito espirituoso.

O CARNAVAL

Não me rio; deploro-te!

O ENTRUDO

Pois ouve-me, orgulhoso;

Uma bisnaga, delicadamente

Espremida por mão de sinhazinha,

Ao passar por um Juca de repente,

Muito mais graça tem, por vida minha!

Que um boneco mal feito,

Representando um célebre sujeito.

O CARNAVAL

Vai-te catar!

O ENTRUDO

Quem pândego não acha  
Um bom limão de cheiro de borracha,  
Como uma bala o espaço atravessando  
E uma velha cartola derrubando,  
Que um tipo traga na cabeça?

O CARNAVAL

Ó tolo,  
Não me esquentes o miolo!  
Deste modo, não posso ter espírito!

O ENTRUDO

Um bom mergulho numa tina dado  
Faz rir, como não faz um mascarado  
Dizendo asneiras do alto da carroça;

O CARNAVAL

Fala pr'aí, que eu faço vista grossa!

O ENTRUDO

Pois é crível que nem sequer distingas  
As clássicas seringas,  
Dessas que a medicina hoje condena  
E que o grande Molière pôs em cena?  
Há lá nada mais cômico?

O CARNAVAL

E mais sujo?  
Foge, senão eu fujo!  
Fazes-me o efeito de um montão de lixo!

O ENTRUDO

Como tem graça o esguicho  
Que sai do bico da gentil seringa,  
E, descrevendo graciosa curva,

Vai molhar uma velha que rezinga!  
E o limãozinho pândego, bonito,  
A quebrar-se num colo de donzela?  
E o susto? e aquele grito  
Que solta a moça bela,  
Quando bate o limão noutra mais rijo?  
Achas-me sujo? Adeus! não me corrijo!  
Não é por me gabar, porém sustento  
Que hei promovido muito casamento;  
Muitos banhos de igreja são causados  
Por meus banhos brutais. — Ó salafrário,  
Algum dia casaste uns namorados?  
Antes pelo contrário,  
Já descasado tens alguns casados,  
E tais façanhas não têm sido poucas!

O CARNAVAL

Orelhas moucas a palavras loucas

O ENTRUDO

Vejo que passa ali, ó céus! que dita!  
Uma negra baiana e bem bonita!  
Adeus! adeus, ó filho!  
Vou mascarar-lhe a cara com polvilho! (*Sai*)

O CARNAVAL (*só*)

Nem à mão de Deus Padre arranjo espírito!  
Atrapalhar-me veio este abelhudo!  
Nem uma ideia! nem uma facécia!  
Estou quase tão besta como o Entrudo!

O HIGH-LIFE (*entrando*)

Pois espírito o Entrudo ter bem pode.

O CARNAVAL

Quem és tu?



O HIGH-LIFE

O meu nome não te acode,  
Por que nós nos vemos há que séculos!  
Eu sou o High-life, e quero que repares  
Na batalha das flores, de Petrópolis,  
E depois me declares  
Se aquilo tem ou se não tem espírito!

*(Mutaçãõ)*

## QUADRO VII

*Cena de fantasia. Bailado de flores animadas.*

*(Depois do bailado começa a chover torrencialmente. Cada uma das flores abre um guarda-chuva)*

## ATO II

### QUADROS VIII E XIX

*A Rua da Misericórdia, entre a Câmara de Deputados e a Rua da Assembleia.*

### CENA I

*Mendigos, que atravessam a cena para o lado do mar; o Barão, Amorosa, vestida modestamente.*

CORO DE MENDIGOS

Sem levar mágoas  
No coração,  
Vamos do Mangue  
Pro Galeão.  
Nosso passado,  
Sem mais tardar,

Vai o trabalho  
Regenerar.

*(Saem os Mendigos. Aparecem o Barão e Amorosa)*

AMOROSA

São os asilados do Mangue, que vão para a Ilha do Governador.  
Vamos assistir ao embarque?

O BARÃO

Não; tenha paciência, menina. Quero estar junto da Câmara, para acompanhar de perto os acontecimentos.

AMOROSA

E eu não o deixo um só instante. Tenho tantos ciúmes do senhor!

O BARÃO

Não compreendo como tem tantos ciúmes de mim, e consente que se prolongue assim este platonismo. Creio que é platonismo que se chama...

AMOROSA

O melhor da festa é esperar por ela.

O BARÃO

Quem espera desespera.

AMOROSA

Quem espera sempre alcança.

O BARÃO

Já com a outra foi a mesma coisa!

AMOROSA

Pelo amor de Deus, não me fale da outra.

O BARÃO

Que infelicidade a minha! Levei-a a jantar ao restaurante do Jardim Zoológico, e ela apanhou uma tremenda indigestão, cujos efeitos duraram perto de um mês. Pobre Mademoiselle Fritzmac! Mas também nunca vi comer com tanta velocidade! O homem do restaurante levou-me quarenta e cinco mil réis pelo jantar, e eu achei que foi de graça! Antes que ela ficasse restabelecida, tive a ventura (a ventura ou a desgraça), de encontrar a menina, e desde então me deixei subjugar completamente pelos seus encantos. Já não acho graça na Fritzmac!

AMOROSA

E quem sabe se a natureza do nosso afeto não se transformará?  
Quem sabe se o senhor não será ainda para mim um pai?

O BARÃO

Com franqueza: prefiro ser um pai!

AMOROSA

Pois bem, se lhe não agrada o nome de pai, será meu irmão mais velho.

O BARÃO (*com força*)

Nunca!... (*Consigo*) Entretanto, é esquisito... tenho por ela um certo respeito... Aprecio aqueles escrúpulos, por mais singulares que me pareçam, e não seria capaz de uma violência.

## CENA II

*O Barão, Amorosa, dois licurgos, depois um Aspirante de marinha, depois primeiro e segundo homens, depois o Conselheiro Jacó, depois o Padre-Soldado*

*(Os dois Licurgos atravessam a cena).*

PRIMEIRO LICURGO

Vossa excelência é um ladrão confesso!

SEGUNDO LICURGO

E vossa excelência é uma pústula que hei de espremer!

*(Desaparecem)*

O BARÃO

Não faça caso... são dois licurgos, que repetem na rua as amabilidades trocadas lá dentro.

O ASPIRANTE DE MARINHA *(entrando e colocando-se entre o Barão e Amorosa)*

Então? que tal acham este fato?

AMOROSA

Muito feio.

O BAR

Reprovadíssimo.

O ASPIRANTE

Quê? pois este uniforme é feio? o dólmã reprovadíssimo?!...

AMOROSA

Houve confusão. O senhor referiu-se ao fato...

O BARÃO

E nós nos referimos ao fato.

O ASPIRANTE

Falava-lhes do *negligé* da Armada Nacional.

#### COPLA

Num corpo esbelto e chibante,  
Todo airoso e perfilado,  
Nada há de mais elegante  
Do que um dólmã bem talhado.  
As sinhazinhas por isto

De amores ficam babadas;  
Depois que este dólma visto,  
Tenho mais três namoradas.

*(O Aspirante sai. Entra da esquerda um Homem, acompanhado por outro, que traz um livro e uma campainha na mão)*

PRIMEIRO HOMEM

Escusa de insistir! Juro que não juro! É contra as minhas ideias! *(Sai pela direita)*

SEGUNDO HOMEM

Venha cá! *(Vai segui-lo)*

O BARÃO *(agarrando-o)*

Que há, meu amigo?

SEGUNDO HOMEM

É aquele herege que não quer jurar nem pelo diabo!

AMOROSA

Com razão! Pelo diabo ninguém jura!

SEGUNDO HOMEM

Estou vendo que há de ser preciso alterar o regimento! *(Gritando a sair pela direita)* Venha cá! venha jurar, homem de Deus! *(Sai)*

O BARÃO

Isto aqui está muito divertido. *(Vendo entrar o Conselheiro Jacó, que traz uma mala)* Oh, Conselheiro Jacó! De volta de Paris! Dou-lhe os parabéns... apanhou finalmente a sua Raquel...

O CONSELHEIRO JACÓ

Ah, meu amigo, não foi porque Labão o quisesse! Olhe que trabalhei!... Fui candidato vinte e tantos anos!... Hei de escrever a história das minhas eleições. Pelo menos três volumes!

AMOROSA

Água mole em pedra dura...

O CONSELHEIRO JACÓ

Bem... lá estou na Rua do Areal às ordens dos amigos.

Q BARÃO e AMOROSA

Conselheiro!

*(O Conselheiro Jacó sai)*

O BARÃO

Isto aqui está muito divertido! *(Vendo entrar o Padre-soldado)* Quem será este agora?

O PADRE-SOLDADO

Psiu... *(Vem ao meio dos dois)*

COPLA

*(Música Religiosa)*

Por esta batina tétrica  
Por este ar de santarrão,  
Já sabeis que canto vésperas  
E que prego o meu sermão.

*(Transforma-se em soldado. A música muda de andamento e toma caráter marcial)*

Eu sou soldado, Sou desertor!  
E ao velho estado  
Volto ao som da trombeta e tambor! Trá lá lá lá!  
Rataplã plã...

*(Sai marchando)*

AMOROSA

Padre e soldado!

O BARÃO

Não será também estudante?

### CENA III

*O Barão, Amorosa, pessoas do povo, que entram a pouco e pouco, o projeto, que atravessa a cena da direita para a esquerda montado num velocípede, com uma casaca de abas exageradamente compridas; depois o primeiro vendedor de canivetes, depois o projeto, depois o segundo vendedor de canivetes, depois o terceiro vendedor de canivetes.*

O PROJETO (*enquanto atravessa a cena*)

Eu sou o projeto! Venho de São Paulo! Deixem-me passar! Não tenho tempo a perder!

O Povo (*aclamando-o*)

Viva! viva!...

O BARÃO

É ele! É o projeto, que vem de São Paulo! Entrou na Câmara! Meus Deus! que velocidade! Ai, os meus ricos pretinhos!...

AMOROSA

Esqueça-se dos seus interesses e só se lembre da liberdade de tantos homens.

O BARÃO

O grande caso é que, quando estou a seu lado, a minha indignação diminui consideravelmente.

*(A cena tem se enchido. No meio do burburinho geral, entra o primeiro Vendedor de Canivetes e é logo rodeado de povo, que faz vozeria)*

CORO

Quem será este sujeito,  
Este tipo que aqui está?

Quer vender alguma coisa:  
Vamos ver o que será!

PRIMEIRO VENDEDOR DE CANIVETES  
Meus senhores, comprei o canivete-abolição!

TODOS  
Bravo! bravo!...

*(Indignação do Barão, que é contido por Amorosa)*

PRIMEIRO VENDEDOR *(mostrando um canivete)*  
Esta folha chama-se a *Cidade do Rio...* é a mais pequenina, mas é também a mais cortante. Esta outra folha, a maior, chama-se o *País*; corta que nem uma navalha! Esta aqui, cheia de figurinhas, chama-se a *Revista Ilustrada!* Comprei, comprei todos o canivete! O canivete-abolição extrai, destrói, extirpa, extermina esse calo chamado escravidão, com o qual o país não pode dar um passo para diante!...

TODOS  
Venha! venha!...

*(O Vendedor distribui canivetes, e sai, distribuindo-os sempre)*

AMOROSA *(ao Barão)*  
O senhor devia ter ficado com um.

O BARÃO  
Não! — aqueles canivetes amolam-me!

*(O Projeto atravessa a cena, em sentido oposto, sempre em velocípede. Leva as abas da casaca cortadas)*

O PROJETO *(enquanto passa)*  
Passei na Câmara! Vou para o Senado! Não tenho tempo a perder! *(Desaparece)*



O Povo (*aclamando-o*)

Viva! viva!...

O BARÃO

Ai, minha Nossa Senhora, é o projeto, e já vai sem rabo!...

(*Entra o segundo Vendedor de Canivetes e é rodeado pelo povo*)

SEGUNDO VENDEDOR DE CANIVETES

Meus senhores, comprei, comprei o canivete-indenização!

TODOS

Fora! fora!...

SEGUNDO VENDEDOR (*mostrando*)

Só tem uma folha, e uma folha que só serve para cortar largo, mas é um ótimo canivete, e a maior novidade das novidades! O canivete-indenização extrai, destrói, extirpa, extermina esse calo, ou antes esse calote, chamado abolição!

TODOS

Não queremos! Fora! Fora!

O BARÃO

Aquele compro eu. (*Dá um passo*)

AMOROSA (*retendo-o*)

Não!

SEGUNDO VENDEDOR

Não arranjo nada! (*Sai muito murcho*)

TERCEIRO VENDEDOR DE CANIVETES (*entrando e vendo-se logo rodeado de povo*)

Meus senhores, comprei o canivete-república! Tem uma infinidade de folhas, e mais esta balança, em que se pesam os direitos do

homem, e mais este saca-rolhas, que se chama Princípios de 89. O canivete-república extrai, destrói, extirpa, extermina esse velho calo — a monarquia!

*(Uns compram e outros não. O Terceiro Vendedor sai)*

O BARÃO

Eu também quero a república, contanto que me deixem ficar com o meu título de Barão, que me custou bem bons cobres.

#### CENA IV

*O Barão, Amorosa, povo, o projeto, que atravessa a cena vestido de mulher.*

O PROJETO

Passei no Senado!

TODOS *(com entusiasmo)*

Bravo! Viva! Viva!...

*(A cena deve estar completamente cheia)*

O BARÃO

É o projeto... Está vestido de mulher!

AMOROSA

Naturalmente. Foi convertido em lei.

O BARÃO

Vamos ao Paço.

*(Saem. Os coros descem ao proscênio)*

CORO

Um novo sol brilhante

Os horizontes desta

Pátria doura!

Foi-se a nódoa infamante!  
Salve, salve, Princesa redentora!

*(Rasga-se parte do pano do fundo, e aparece no céu, cercada de flores, uma enorme roseira de ouro. Mutação)*

## QUADRO X

*Corredor de casa pobre.*

### CENA I

*Zé do Beco, depois Tripas-ao-sol.*

ZÉ *(falando para a esquerda)*

Nada, meu amigo. Você cá não dorme hoje! Se quiser cama, pague o atrasado!

UMA VOZ

Amanhã dou tudo junto.

ZÉ

Qual amanhã nem pera amanhã! Você já deve meia pataca de duas noites! Se a continha aumenta, adeus, minhas encomendas!... De meu rico dinheiro não vejo nem a sombra!

A VOZ

Pois vá pro diabo, seu burro!

ZÉ

Burro vá ele! *(Vindo ao proscênio)* Era o que faltava! ter eu aqui, às ordens destes caloteiros, a melhor casa de alugar camas do Beco de Dom Manuel, célebre pelo horroroso assassinato de um grumete que ressuscitou em Resende! *(Indo à porta e gritando)* Não tenho medo de navalha, ouviu?

TRIPAS-AO-SOL *(entrando com um movimento de capoeira)*

Isso é com o degas?

ZÉ

Oh! não senhor, seu Tripas-ao-sol! É com outro vagabundo que saiu agora.

TRIPAS-AO-SOL

Ah! pensei!

ZÉ

Seja bem aparecido por esta sua casa. Ainda o fazia lá pela chácara de Catumbi...

TRIPAS-AO-SOL

Neste sábado agora faz quinze dias que eu fui *sorto*.

ZÉ

E por onde tem andado?

TRIPAS-AO-SOL

Por aí. Tenho visto as *feita* da abolição.

ZÉ

Dizem que têm estado muito bonitas...

TRIPAS-AO-SOL

Você não foi, seu Zé do Beco?

ZÉ

Eu tenho lá licença de arredar pé daqui?...

TRIPAS-AO-SOL

Pois eu tenho ido a tudo! Fui à missa do campo de São *Cristovo*; fui às *corrida*; entrei lá num rolo danado; agora acabou-se o cobre, e não há remédio senão vir dormir barato.

ZÉ

É! Vocês andam, viram, mexem, mas afinal de contas aqui vêm todos parar! Vocês hão de se capacitar que não há nada como isto! (*Reparando em Tripas-ao-sol*) Mas, sim, senhor: o Senhor Tripas-ao-sol engordou na Correção!...

TRIPAS-AO-SOL

Pois, olhe, a boa vida por lá começa agora.

ZÉ

Como assim?

TRIPAS-AO-SOL

Foi lá quem pode, provou a boia, achou ela má, e quer que, de hoje em *diente*, os *preso tenha* muito bom bife, muito boa salada, azeitona, e até vinho do Porto!

ZÉ

Qual! Isso são caraminholas! (*Outro tom*) Lá vem freguesia!

TRIPAS-AO-SOL

Tome os quatro *vintém*. Vou me deitar, que quero acordar cedo. (*Paga e sai*)

## CENA II

*Zé, Serapião.*

SERAPIÃO (*entrando e tirando o chapéu*)

Muito boa noite.

ZÉ

Boa noite.

SERAPIÃO (*à meia voz*)

O senhor tem aí uma cama disponível?...

ZÉ

Tenho algumas.

SERAPIÃO

Preço?

ZÉ

Para acordar a que horas?

SERAPIÃO

Seis ou sete da manhã...

ZÉ

Oitenta réis. (*À parte*) Este é calouro...

SERAPIÃO

É o último preço?

ZÉ

São as mais baratas. Há também de tostão, com travesseiro.

SERAPIÃO

Dispensó o travesseiro. Mas, diga-me uma coisa: não faz um abatimento, eu ficando freguês?

ZÉ

Por quanto tempo?

SERAPIÃO

Não sei... até a reforma dos correios. Tenho lá um lugar prometido, mas o diabo é que os candidatos são muitos. Conheço uma família em que há quatro primos e um tio, todos com promessas de se encaixarem lá.

ZÉ

Se o senhor quer tomar uma assinatura por mês, dou-lhe a cama por dois mil réis, dinheiro adiantado.

SERAPIÃO

Adiantado é que é o diabo: tenho a vida muito atrasada! Olhe, eu pago os quatro vinténs! Faz favor de me dar a cama?

ZÉ

Faz favor de me dar o cobre? (*Serapião paga*) O senhor tem sono pesado?

SERAPIÃO

Pelo contrário; muito leve: para me acordar, é bastante puxar-me a perna com força e gritar-me aos ouvidos.

ZÉ

É que de vez em quando há barulho aqui por casa. Se ouvir alguma coisa, faça de conta que não ouviu nada. Vire-se para o outro lado e continue a dormir. Vamos lá. Vou dar-lhe a cama.

(*Entram um preto e uma preta, que mal podem andar, porque trazem os pés apertados*)

### CENA III

*Uma preta, primeiro preto, depois Zé, depois segundo preto primeiro preto. — Entra, nhá Bituca! Aqui é que é casa que gente "drume" por quatro "gintém".*

A PRETA

Eu é capaz de jurá que gente aqui não *drume* tão bem como lá em casa de meu *senhô*.

PRIMEIRO PRETO

Que *senhô!* Gente não tem mais *senhô!*... Treze de Maio botou tudo tão bom, como tão bom! Diabo é este *brutina*, que tá me *pretando pé*.

A PRETA

Eu também tá que não pode!

ZÉ (*entrando*)

Boa noite! Desejam dormir?

PRIMEIRO PRETO

Eu *qué drume* com minha *praceira*, sim *senhô*.

ZÉ

Nesta *maison meublée* não há aposentos separados! Não há quartos com menos de oito camas.

PRIMEIRO PRETO

Ué! Então *home drume* com *muié* tudo junto?

ZÉ

E até crianças! Olha! (*Entra uma turca maltrapilha, com duas crianças pela mão. Paga e sai*) As crianças só pagam dois vinténs: metade do preço.

A PRETA

Eh, pai João, *ante* no *cativero*!...

ZÉ

Não seja mal agradecida! não diga mal da liberdade!

PRIMEIRO PRETO

*Libredade* é bom, mas barriga cheia é *mió*!

ZÉ

Pois você não está contente com o Treze de Maio?...

PRIMEIRO PRETO

É! *Pru mode* Treze de Maio preto já não vale nem *dé tutão*!

ZÉ

O que vocês precisam é dormir! Passem para cá a bela da meia pataca, e por ali é o caminho!



PRIMEIRO PRETO (*pagando*)

Tá'í!

ZÉ (*empurra-os para dentro. Saem os dois*)

Aí vem mais gente!

SEGUNDO PRETO (*entrando, com as botas na mão*)

Viva a lei Treze de Maio! *Ave libertas!*

ZÉ

Bom! bom! nada de barulho, que isto aqui é casa de sossego!

SEGUNDO PRETO

*Ave libertas!*

ZÉ

Que *libertas*, nem meio *libertas*! Que quer você?

SEGUNDO PRETO

Cama com travesseiro para um! Aqui tem nicolau, Diabo, *tou rouco* de dá tanto viva!

ZÉ

Ainda bem que este está contente!

SEGUNDO PRETO

Pois não há de *tá* contente um *home* que levou toda a sua vida a *trabaiá* de meia cara, e agora pode se *empregá* e ter seu dinheiro no *borso*?... Branco safado que deixou a gente tanto tempo no *cativeiro*!

ZÉ

Bem, bem! Vá dormir, que seu mal é sono!

SEGUNDO PRETO

*Ave libertas!*

ZÉ

Mas que é isso de *Ave libertas*?

SEGUNDO PRETO

Sei lá! É francês! Isso anda em toda a boca! *Ave* é galinha e *libertas* é muié que ficou livre! (Sai)

ZÉ

Aí vem mais povo. Hoje isto está quente! Também não admira: dia de pagode!...

#### CENA IV

*Zé, uma mulata, depois um italiano, depois Tiro-e-queda.*

A MULATA (*entrando*)

Me dê uma cama, seu Zê do Beco! (*Dando-lhe dinheiro*) Tem aí mais dois *vintém* pro café de *menhã*.

ZÉ

Então tem festejado muito o Treze de Maio?

A MULATA

Eu? Ixe! (*Traçando o chale sobre o ombro*) Pra cá, mais pra cá! Não sou muita de Trezes de Maio, nem de livros de ouro. Esta que aqui está pra ser livre não precisou de *leses*. O pai de meu filho pagou minha carta. Eu até acho que os *branco* faz mal em *acabá* cos *escravo*. Agora é que vai se *vê* o que é *vadiação*! (*Saindo*) Não se esqueça do café de *menhã*.

ZÉ (*só*)

É muito prosa esta mulata, mas é boa freguesa.

(*Entra um italiano, com um realejo e um macaco no ombro*)

O ITALIANO

*Signor, dateme una cama; ecco il denaro. (Senhor dá-me uma cama, eis o dinheiro)*

ZÉ

Quatro vinténs só? E o macaco?

O ITALIANO

*Il macaquito anche dove pagare?... (O macaco também deve pagar?)*

ZÉ

Aqui os macacos pagam como crianças: metade do preço.

O ITALIANO

*Si lei vuole, lo faró danzare um pouquito, per pagare la sua parte...*

ZÉ

Não! não! Aqui não se admite barulho! *Pagate, pagate e não buffate!*

O ITALIANO

*Ecco. Povero simioco, tratato come un bambino!*

ZÉ

*Andate! andate, mossiú! (O italiano sai)* Já uma vez veio aqui dormir um homem que andava com um urso, mas também cobrei-lhe dez tostões pelo companheiro! O diabo do bicho fungou toda noite, que parecia caçoada! Nessa noite ninguém aqui dormiu, nem ele!

TIRO-E-QUEDA (*entrando*)

Ora viva o seu Zé do Beco!

ZÉ

Olá! Venha esse abraço! Que é feito?

TIRO-E-QUEDA

Ah, seu padre! eu fui no Cabeça de Porco *vê* uma roupa lavada, e um português me convidou pro sete-e-meio. Logo na segunda mão eu já tinha mordido dois *cruzado*, mas o bruto quis fazer estréias

comigo, e eu não lhe conto nada! Enchi ele, e o cabra foi *conversá cas formiga!* Num *ápis* a *estalage* ficou toda num *sarseiro*: cacete voava que nem mosca!

ZÉ

E a canoa?

TIRO-E-QUEDA

Canoa só de longe, contemplando os acontecimentos.

ZÉ

Você não toma caminho! Um dia acaba na ponta de uma sardinha!

TIRO-E-QUEDA

Só se *fô* sardinha de Nantes. Ferro que há de me *furá* inda não está feito folha! Pois não! um diabo que teve o desaforo de me *chamá* indivíduo! Indivíduo é *home* que anda fora de hora.

(*Ouvem-se passos apressados na escada*)

ZÉ

Que é isto?

## CENA V

*Zé, Tiro-e-queda, o Barão, depois todos os demais personagens do quadro.*

O BARÃO (*entra insuflado; traz a tiracolo a fita distintiva dos jornalistas nas festas da abolição*)

Escondam-me! escondam-me por amor de Deus!

OS DOIS

Que foi?

O BARÃO

Aquela mulher é os meus pecados.

Os DOIS  
Que mulher?

O BARÃO  
Vinha muito descansado ali pela Rua da Misericórdia, em companhia da outra, quando ela passou num bonde, apeou-se, e fez um chinfrim de todos os diabos!

Os DOIS  
Ela quem? Ela quem?

O BARÃO  
Intervenho, naturalmente; chega a polícia...

TIRO-E-QUEDA  
A canoa.

O BARÃO  
Um soldado toma-me pelo desordeiro e vai prender-me; eu — pernas para que te quero? Embarafusto por este beco e entro na primeira porta que encontro aberta! Onde estou eu?

TIRO-E-QUEDA  
Tá diante de um *home* bom pra lhe *defendê!* Se *qué* sabê quem é o Tiro-e-queda...

O BARÃO  
Tiro-e-queda?...

TIRO-E-QUEDA  
É o meu vulgo! Se quer saber quem ele e, aqui seu Zé do Beco que lhe informe!

ZÉ (*dando um beijo nos dedos*)  
É obra! No gênero capanga é o que se pode encontrar de melhor no mercado.

TIRO-E-QUEDA (*lisonjeado*)

Favores que não mereço!...

O BARÃO

Não me despeço dos seus serviços...

TIRO-E-QUEDA (*reparando na fita que o Barão traz a tiracolo*)

Ah, espera, vossa senhoria também é desses *home* que escreve nas *folha*?

O BARÃO

Eu não senhor... nunca escrevi senão à família.

TIRO-E-QUEDA

Mas essa fita...

O BARÃO

Dizem que é o distintivo da imprensa... Mas como vejo toda a gente na rua com o tal distintivo a tiracolo, comprei também o meu, para não me distinguir das outras pessoas: não gosto de me dar ares de original.

(*Ouve-se tocar realejo lá dentro e logo uma gritaria infernal de pessoas que protestam e brigam*)

ZÉ

Hein? Já tardava!...

(*Todos os personagens do quadro entram fazendo algazarra e empurrando o Italiano adiante de si*)

O ITALIANO

*Perdonate, signori, non é colpa mia! Il macaquito há torcito la manivella!*

ZÉ

O pescoço torço-lhe eu, se continua! Bom! Toca a dormir! Não vale a pena...

(*Todos resmungam*)

O BARÃO

Ah! isto cá é hotel?

SERAPIÃO

Hospedaria.

ZÉ

Hospedaria vá ele. *Maison garnie*. Vossa senhoria quer uma cama?

PRIMEIRO PRETO

*Quá!* Branco limpo há de *assujeta* a *drumi* em cama de quatro *gintém!*

ZÉ

Há também de tostão, com travesseiro...

O BARÃO

Está doido! Eu posso lá dormir aqui!

TIRO-E-QUEDA

Não faça pouco da casa, seu Conselheiro, e ouça lá esta cantiga pra *ficá* ciente.

### LUNDU

#### I

Quem é pobre não tem luxo,  
Se deixe de imposturia!  
Meta só feijão no bucho,  
E, em vez de vinho, água fria!  
Deve andar alegre um *home*  
E não ter pena nenhuma  
De matar no frege a fome,  
*Drumir* onde um cão não *druma*.  
Perfeitamente

Acha-se aqui  
Caminha quente  
Para *drumi*.  
Se fofas penas,  
Aqui não tens,  
Gastas apenas  
Quatro vinténs.

II

Nesta casa não se acoite  
Quem pode ir para os hotéis  
E pagar por uma noite  
Pelo menos dois mil réis.  
Mas logrado está quem julga  
Ser melhor o tal Ravot,  
E ter de achar menos pulga  
Lá no Frères Provençaux.  
Perfeitamente, etc.

ZÉ

Bom. São horas! toca a dormir!

O BARÃO

Eu vou tomar o bondinho. (*À parte*) Lá no Freitas sempre estou  
melhor do que aqui!

(*Os personagens têm-se retirado aos poucos*)

TIRO-E-QUEDA

Eu acompanho vossa senhoria até a sua casa.

O BARÃO

Pois sim! Vá lá! (*À parte*) Dou-lhe dois mil réis! (*A Zé*) Boa-noite!

ZÉ

Boa-noite.



(O Barão sai)

TIRO-E-QUEDA (a Zé)

Se ele não marcha com uma de cinco, eu encho ele! (Sai)

ZÉ (só)

Este diabo é levado! É pena, porque é boa pessoa, e podia fazer caminho na política... se tivesse juízo!... (Sai. *Mutação*)

## QUADRO XI

*No Cassino Fluminense. É o final de um grande baile. O salão está quase vazio. Senhoras e cavalheiros passeiam fatigados.*

## CENA I

Convidados, depois o Visconde, que dá o baile, depois o primeiro e segundo convidados, depois um criado, com uma bandeja de chocolate.

CORO

Que belo baile!  
Que animação!  
Luzes e flores  
Em profusão!  
Comes e bebes  
À discrição!  
Que belo baile!  
Que animação!...

O VISCONDE (*fatigadíssimo, vindo ao proscênio*)

Valha-me Deus! já terminou o cotilhão... Que faz ainda aqui esta gente? Estou morto por me deitar... Que dia! Nunca trabalhei tanto em toda a minha vida!... (*Consultando o relógio*) Já passam de quatro horas. (*Falando a um e a outro*) Então, minha senhora, ficou satisfeita com o presente que lhe coube no cotilhão? — Conselheiro, por que não trouxe sua senhora? — Dançou muito, Doutor?

*(Sai, falando sempre e muito preocupado em obsequiar a um e a outro. Vêm ao proscênio o Primeiro e o Segundo Convidados)*

PRIMEIRO CONVIDADO *(com um pé no ar)*

Arre! que um bruto pisou o meu melhor calo! Também arrumei-lhe uma descompostura como ele tão cedo não ouvirá outra! Não gosto disto. É a primeira vez que venho ao tal Cassino, e há ele ser a última!

SEGUNDO CONVIDADO

Não faça caso, Comendador!

PRIMEIRO CONVIDADO

Basta que o estupor das botas me apertem os joanetes, que é uma desgraça!...

*(Passa um criado levando uma bandeja de xícaras de chocolate. Todos os convidados avançam para ele. O criado levanta a bandeja de modo que não lhe possam tocar)*

VOZES

Dê cá! Dê cá!

*(O criado consegue sair. O Segundo e o Quarto Convidados encontram-se no proscênio)*

## CENA II

*Convidados, terceiro e quarto convidados, depois o Visconde.*

TERCEIRO CONVIDADO

Oh! estás também por cá?

QUARTO CONVIDADO

Desde o princípio. Já fiz três declarações de amor.

TERCEIRO CONVIDADO

Eu procurei-te, mas podia lá encontrar-te no meio de três mil pessoas!...

QUARTO CONVIDADO  
Que tal achaste o baile?

TERCEIRO CONVIDADO  
Muito bom, mas estou arrependido de ter vindo. Está aqui todo o comércio. Não dou um passo que não encontre um credor. Ainda agora esbarrei com o alfaiate que me fez esta casaca há dois anos.

QUARTO CONVIDADO (*examinando*)  
Ouvidor?

TERCEIRO CONVIDADO  
Hospício.

QUARTO CONVIDADO  
Pois olha, está soberba. Devias ter pago.

TERCEIRO CONVIDADO  
Ah! isso era muito difícil.

QUARTO CONVIDADO  
O baile acabou, mas creio que ainda há o que beber. Vamos tomar alguma coisa?

TERCEIRO CONVIDADO  
Vamos lá. Desde a lei de Treze de Maio, não faço outra coisa senão tomar alguma coisa.

QUARTO CONVIDADO  
Já fui a quinze banquetes...

(*Afastam-se*)

O VISCONDE (*a um e a outro, entrando*)

A sua menina gostou da festa? — Jogou a sua partidinha de voltarete? — Por que não trouxe a família? Ah! veio? Bom!... Minha senhora, por onde anda seu esposo? Divirtam-se, divirtam-se até o fim!! (*No proscênio*) Ora esta! Querem passar aqui o dia!... (*Sai*)

### CENA III

*Convidados, o Barão, segundo convidado, primeira senhora, depois o Visconde.*

O BARÃO (*conversando com o segundo convidado, que entra de braço com uma senhora*)

Pois é verdade, meu caro senhor, não sei para que estas levas para Mato Grosso! A cidade está agora, mais do que nunca, infestada de capoeiras! Aqui há dias, ali no Largo da Lapa, à porta do Freitas Hotel, este seu criado apanhou uma cabeçada na boca do estômago... porque não quis dar cinco mil réis a um desses meliantes.

A SENHORA

Credo!...

SEGUNDO CONVIDADO

Valia a pena ter-lhe dado o dinheiro.

O BARÃO

Ah, se eu adivinhasse, dava-lhe até mais alguma coisa. Durante quatro dias não me animei a sair à rua!...

A SENHORA

Ainda se demora muito tempo na Corte, Senhor Barão?

O BARÃO

Não sei, Senhora Dona Mariana, não sei: há aí um negócio, ou antes, dois negócios que me têm prendido. A Baronesa, coitadinha! chama-me todos os dias. Para consolá-la, mandei-lhe o meu retrato... deste tamanho... tirado na Fotografia União!

SEGUNDO CONVIDADO

Ah! eu vi-o na *Glacé Elégante*.

O BARÃO

Agora mesmo a Baronesa me escreveu dizendo que os negros não abandonaram a fazenda e aceitaram os salários.

O VISCONDE (*entrando*)

Minhas senhoras... meus senhores... tomaram chocolate? Está delicioso!

O BARÃO (*ao Visconde*)

Oh! Visconde!...

O VISCONDE

Ah!... perdão!... estou a conhecê-lo e não me recorda...

O BARÃO

Ora essa! dar-se-á caso que não me conheça e tenha me convidado para a sua festa? Eu sou o Barão do Macuco... Ainda não lhe havia falado, porque sentei-me numa cadeira ali naquela sala... ao pé da janela, a tomar fresco e peguei no sono. Mas tenho me divertido muito. (*Boceja*)

O VISCONDE

Pois, Barão, estimo muito que...

(*Saem ambos. O quinto convidado com a senhora têm se afastado*)

#### CENA IV

*Convidados, quinto convidado, segunda senhora, depois segundo convidado e primeira senhora, depois um diplomata, depois primeiro e sexto convidados.*

SEGUNDA SENHORA (*acompanhando o quinto convidado*)

Vamos embora, Roberto... já deu o tiro de peça, são horas. Às onze horas eu devo estar de pé, senão é uma desordem lá em casa que ninguém se entende.

QUINTO CONVIDADO

Ainda não tomei chocolate.

SEGUNDA SENHORA

Já arranjaste os doces para as crianças?

QUINTO CONVIDADO (*tirando um embrulho de doces do bolso*)

Cá estão. Vim prevenido com papel.

SEGUNDA SENHORA

Nhozinho e Lili sempre que vamos a qualquer parte e não levamos alguma coisa para casa, nos apoquentam todo o santo dia. (*Examinando o embrulho*) Oh, Roberto! que miséria de balas!... Vai arranjar mais algumas!

QUINTO CONVIDADO

Aonde, senhora? Restavam algumas... foi o Meio da botica quem se lambeu com elas!

SEGUNDA SENHORA

Olha, estas cocadas é que se dispensavam, fazem muito mal às crianças.

QUINTO CONVIDADO

Deixa ir. Mandam-se de presente ao filho do Góis.

SEGUNDA SENHORA

Mesmo para pagar aquela compoteira de doce de marmelo que nos mandaram o outro dia.

SEGUNDO CONVIDADO (*sempre de braço com a primeira senhora*)

Ó Dona Senhorinha, como tem passado?

PRIMEIRA SENHORA (*voltando, vai cumprimentar a segunda senhora*)  
Adeus, seu Roberto... como está Dona Aquela? (*Beijam-se*) Não lhe tinha visto.

(*O quinto e o sexto convidados cumprimentam-se*)

SEGUNDA SENHORA

Pudera! tanta barafunda!... Não sei pra que se convida tanta gente... eu gosto mais das *soirées* de família que destes bailes de maçada. — Viu a nossa vizinha, a Henriquetinha Barros? Como estava ridícula!

PRIMEIRA SENHORA

É sempre no que dão vestidos aproveitados... Olhe, com aquela saia de seda azul, eu vi *ela* há dois anos no Clube do Engenho Velho.

SEGUNDA SENHORA

Como tem ido lá por casa com a falta d'água?

PRIMEIRA SENHORA

Tem havido pouca, mas alguma. Sempre dá para os gastos.

SEGUNDA SENHORA

Lá em casa tem sido um horror. Não é, Roberto?

QUINTO CONVIDADO

Uma *calamidade!* Há mais de oito dias não temos um pingão d'água!

PRIMEIRA SENHORA

Que coisa! Então agora, depois do tal Treze de Maio, que não se pode contar com as criadas, que ficaram todas umas senhoras fidalgas!

SEGUNDA SENHORA

A lavadeira não nos dá roupa há um mês!... A cesta da roupa suja está que não se pode fechar!

QUINTO CONVIDADO

Então, que tal tem achado a festa?

SEGUNDO CONVIDADO

Muito bonita... Este homem deve ter gastado muito dinheiro!

QUINTO CONVIDADO

Dizem que trinta contos, e eu acredito.

SEGUNDO CONVIDADO

Mas há muita mistura... Ainda agora vi um sujeito metendo doces na algibeira da casaca.

QUINTO CONVIDADO

Oh! péssimo costume!

SEGUNDO CONVIDADO (*vendo passar pelo fundo o diplomata*)

Conhecem? É um dos homens da época.

(*Apaga-se a luz do salão*)

QUINTO CONVIDADO

Olhe, apagam-se as luzes... Vamos embora? Já temos bonde. (*Ao sexto*) Vão de carro?

SEGUNDO CONVIDADO

Nada, vou tomar o bondinho da Praça Onze, que me deixa na porta.

TODOS QUATRO

Então vamos juntos. (*Saem*)

(*Aparece o primeiro convidado conversando com o sexto*)

PRIMEIRO CONVIDADO

Não há dúvida! O câmbio está bonito, está; sobe que é um louvar a Deus de gatinhas! Mas ou eu me engano, ou vamos ter uma crise terrível! Esta lei!...



## SEXTO CONVIDADO

Não diga isso! E a imigração? Não vê como tem entrado gente? Quer que lhe diga? Cá para o meu comércio de vinhos, a lei foi providencial. Tem sido um beber, meu rico senhor, mas um beber!...

## PRIMEIRO CONVIDADO

Ah, por esse lado não me queixo também. Para o meu negócio de calçado, a lei foi obra. Não imagina a quantidade de sapatos que tenho vendido para o interior! — Mas vamos embora, que isto já está deserto.

*(Saem)*

## CENA V

*O Barão, depois Mademoiselle Fritzmac, depois Amorosa, depois o Visconde.*

## O BARÃO

Já são horas de me pôr ao fresco... mas não devo retirar-me sem me despedir do dono da casa... Com que saudades estou daquela misteriosa mulherzinha, que me tem acompanhado a tanta parte e nem sequer me disse o seu nome nem aonde mora! Tenho por ela um sentimento difícil de explicar. E a Fritzmac? Que será feito dela? Não a vejo desde a cena da Rua da Misericórdia. Deixem lá, é levada da carepa, mas é muito boa fazenda, e não se me dava...

*MADemoiselle FRITZMAC (aproximando-se e batendo-lhe ao ombro, amigavelmente)*

Não se te dava de quê!

## O BARÃO

Ela! Vestida de homem!... Que grande atrevimento! Você aqui!... num baile aristocrata!...

*MADemoiselle FRITZMAC*

Adivinhei que vinhas; era o único meio de encontrar-te. Que fim levou aquela sirigaita com quem estavas na Rua da Misericórdia?

O BARÃO

Você não devia falar nisso, que é a sua vergonha!

MADEMOISELLE FRITZMAC

Tenho-te procurado por toda a parte. Já não vais ao Eldorado, já não apareces no Santana, ninguém te vê na Rua do Ouvidor. Não recuei diante da ideia de me vestir de homem, pois só assim poderia penetrar aqui. (*Abraçando-o meigamente*) Então, meu Macucozinho, tem pena de mim: por que tratas assim a tua bichinha?

O BARÃO (*deixando-se abraçar*)

Quem vir isto há de supor que tenha havido entre nós intimidades de certa transcendência! Pois, senhores...

### COPLAS

I

MADEMOISELLE FRITZMAC

Macuco, de mim não fujas.

Macuco, de mim tem dó;

Macuco, meu bem, reserva

Teus beijos para mim só.

Macuco, vê que a Macuca

Já está maluca

Pelo seu bem;

Macuco, vê que à Macuca

Fere e machuca

Tanto desdém!

II

Macuco, tão mau macuco

Palavra que nunca vi!

Macuco, tu não calculas

Que coisas tenho pra ti!

Macuco, vê que a Macuca, etc.

O BARÃO

Não há que ver! Estou vencido!

MADEMOISELLE FRITZMAC

Vem!

O BARÃO

Ora adeus! Vamos!...

*(Vão a sair. Entra Amorosa)*

AMOROSA

Alto!

Os DOIS *(estacando)*

Ela?!

MADEMOISELLE FRITZMAC *(à parte)*

Como o domina com o olhar!...

AMOROSA *(com muita calma, ao Barão)*

Retire-se para sua casa. Esta cena, neste lugar, pode ter consequências muito lamentáveis.

O BARÃO

Mas... *(É vencido por um olhar de Amorosa e sai, dizendo)*  
Decididamente esta mulher tem feitiço!...

MADEMOISELLE FRITZMAC *(cruzando os braços)*

Agora nós!

AMOROSA

Que quer dizer essa frase: Agora nós? Nem agora nem nunca! Por lealdade não aceito a luta, pois tenho certeza que te hei de sempre

vencer, qualquer que seja o terreno em que nos coloquemos! Os teus pecados nada podem contra as minhas virtudes!

MADEMOISELLE FRITZMAC

Veremos!

O VISCONDE (*entrando de chapéu e sobretudo*)

Ah, finalmente... (*Reparando*) Que vejo! Ainda aqui duas pessoas!  
(*Alto*) Meus senhores... vão se fechar as portas.

MADEMOISELLE FRITZMAC (*à parte*)

Se eu apanhasse este homem! Que ótimo instrumento seria!... (*Alto*) Aproveito este momento em que o acaso nos põe em frente um do outro, para saudar em vossa excelência o amigo dos prazeres!

AMOROSA

Não! Eu saúdo em vossa excelência o brasileiro que tanto concorre para que a sua pátria prospere com o advento da indústria, do comércio, das artes, das letras e da ciência! (*Apontando para o fundo*) Possa realizar-se aquele quadro!

(*Mutação*)

## QUADRO XII

*Apoteose ao progresso da indústria, do comércio, das artes, das letras e da ciência.*

## ATO III

### QUADRO XIII E XIV

*A cena representa o jornal Imprensa Fluminense, distribuído pelas festas da abolição.*

## CENA I

*O Barão, Amorosa.*

*(O Barão entra rapidamente, acompanhado por Amorosa)*

AMOROSA

Mas venha cá! Que vai fazer? Onde estamos?

O BARÃO

Não vê? *(Aponta para o pano do fundo)* Imprensa Fluminense!

AMOROSA

Ah! Agora reparo! Um imenso jornal!

O BARÃO

A imprensa fluminense congraçou-se por ocasião da lei de Treze de Maio, e fez aquele jornal de anúncios. Toda ela está representada aí, toda, exceto o *País*, que não gosta de andar acompanhado.

AMOROSA

Pois deve aborrecer-se bastante, porque circula tanto...

O BARÃO

É mesmo o jornal de maior circulação da América do Sul.

AMOROSA

Mas o que vem o senhor fazer à imprensa?

O BARÃO

Protestar contra as notícias que escreveram a respeito daquele rolo do Eldorado; deram a entender que fui eu o provocador, quando foi a Fritzmac quem me atirou um copo de cerveja tigre à cara.

AMOROSA

Não publicaram o seu nome.

O BARÃO

Mas puseram-lhe as iniciais, e é quanto basta para que todo o mundo saiba de quem se trata. Isto de iniciais é até um meio de chamar mais a atenção para o nome.

AMOROSA

E que foi o senhor fazer ao Eldorado? Dir-se-ia que tem saudades dessa mulher!

O BARÃO

Asseguro que lá não fui por causa dela. Quando ainda restasse alguma coisa do que sentia por aquele diabo, um copo de cerveja tigre na cara me curaria de todo!

AMOROSA

Pois sim, mas deixe os tipos tranquilos.

O BARÃO

Que tipos?

AMOROSA

Os tipos da tipografia. Não faça protesto algum a semelhante respeito.

O BARÃO

Por quê?

AMOROSA (*com sobranceria*)

Porque não quero! (*Meiga*) Bem sabe que só desejo o que o não prejudique.

O BARÃO

Pois seja! A senhora faz de mim o que quer!... Estamos aqui como Ceci e Peri. Ceci manda; Peri obedece!

## CENA II

*Os mesmos, o Doutor Gazeta, depois um artista.*

*(O Doutor entra com dois quadros debaixo do braço)*

O BARÃO

Oh doutor! como tem passado?

O DOUTOR

Menos mal.

O BARÃO

Que leva aí? dois quadros?

O DOUTOR

Não são dois quadros: são dois anzóis.

AMOROSA

Dois anzóis?...

O DOUTOR

Dois prêmios para os assinantes do ano.

### COPLA

Co'estes cromos tão chibantes  
Que a Paris mandei buscar,  
Dezesseis mil assinantes  
Eu tenciono abiscoitar!  
Sujeitinho que se estima  
E figura quer fazer,  
Na parede esta obra-prima  
Pendurada deve ter.  
Oh, que *pendant*,  
Como é gentil!  
*En badinant*  
E *M'aime t'il!*

O DOUTOR

Para o ano devo arranjar coisa melhor: darei um relógio a cada assinante!

O BARÃO

Com corrente?

O DOUTOR

Decerto, todo assinante é concorrente.

AMOROSA

Um relógio de ouro?

O DOUTOR

Quase. Tempo virá em que hei de dar como prêmio uma apólice da dívida pública. Adeus! (*Sai*)

O ARTISTA (*entrando*)

É uma indignidade!

O BARÃO

Por que vem tão zangado, amigo?

O ARTISTA

Pois não! O senhor assistiu às festas por ocasião do regresso de Suas Majestades?

O BARÃO

A algumas. Fui um dos setenta mil logrados de Botafogo!

AMOROSA

Um verdadeiro logro, na verdade. Anunciam um fogo de vistas de dez contos de réis, e, afinal de contas, impingem ao público, tarde e a más horas, algumas pobres girândolas.

O BARÃO

Uma pulha de Primeiro de Abril.



O ARTISTA

Ah! não, mas é disso que trato. Bem me importa a mim que em Botafogo houvesse um fogo bota! Estou indignado, porque sou um pintor, sou um artista, e o comércio, tendo de ornamentar a fachada do edifício da Bolsa e dispondo de recursos para fazê-lo dignamente, foi procurar uns seringueiros muito ordinários, uns caiadores muito incompetentes, uns pinta-monos, capazes de fazer ladrar um cão! Como se neste país não houvesse artistas!

O BARÃO

E o coreto da Rua do Ouvidor, canto da dos Ourives?

AMOROSA

Um arco de triunfo, que obrigava o triunfador a passar por baixo de uns músicos!

O ARTISTA

Um desastre! Pois olhem, dantes, estas coisas faziam-se com mais limpeza e talvez com menos despesa. Vou deitar um artigo! (*Sai*)

AMOROSA

Tudo salva a boa intenção...

### CENA III

*O Barão, Amorosa, a semana e a época, que entram desfeitas e cadavéricas; depois um esgrimista, depois primeiro, segundo e terceiro jornalistas.*

O BARÃO

Ó pobres raparigas! Ó meninas, onde vão vocês?

AS DUAS

Vamos morrer.

O BARÃO

Morrer tão jovens? na primavera da vida? na idade das ilusões e do amor?... Coitadinhas! (*Tomando a Semana pela mão*) A menina como se chama?

A SEMANA

A Semana. Já fui bonita, bonita e guapa; hoje estou neste belo estado!

AMOROSA

Não admira; tem passado por tantas mãos!...

A ÉPOCA

E eu que passei por uma única mão e estou também morre não morre?!...

O BARÃO

Como se chama?

A ÉPOCA

A Época.

O BARÃO

Pois, meus amores, vão morrer mais longe, porque eu, a respeito de defuntos, temos conversado. (*Empurra-as brandamente. Elas saem, e entra o Esgrimista, todo cheio de emplastos e coxeando*) Querem ver que este é também algum jornal que vai morrer?

O ESGRIMISTA

Não, senhor, não sou um jornal, sou um jornalista.

O BARÃO

Pelo que estou vendo veio de algum rolo!...

O ESGRIMISTA

Engana-se. Sou membro do Clube de Esgrima e acabo de tomar uma lição de florete.

AMOROSA

Ah! o tal clube que se fundou este ano...

O BARÃO

Deve ser muito divertido.

O ESGRIMISTA

Ah! é preciso saber esgrima! A moda dos duelos vai se introduzindo no Rio de Janeiro.

AMOROSA

É o meio mais fácil de resolver os pontos de honra...

O BARÃO

E de dar extração aos pontos falsos.

O ESGRIMISTA

Em todo o caso, é bom saber uma pessoa como se há de haver em frente de uma espada.

O BARÃO

Por exemplo (*servindo-se da bengala como de um florete*): Um, dois e...

O ESGRIMISTA

Ai! (*Foge*)

AMOROSA

É provável que no clube não se ensine o principal requisito para quem se vai bater, que é ter coragem...

*(Entram os três jornalistas, carregados de malas e de presentes. Chegam ao meio da cena, deixam cair as malas, sentam-se sobre elas e soltam um grande suspiro de alívio)*

OS TRÊS

Ai...

O BARÃO

É a comissão de jornalistas que foi ao Rio da Prata.

PRIMEIRO JORNALISTA

Trinta banquetes!

SEGUNDO JORNALISTA

Vinte e três espetáculos!

TERCEIRO JORNALISTA

Dezoito recepções!

PRIMEIRO JORNALISTA

Dezenove maioneses!

SEGUNDO JORNALISTA

Cinquenta e cinco discursos!

PRIMEIRO JORNALISTA (*levantando-se*)

Mas, em compensação, que amabilidade!

SEGUNDO JORNALISTA (*idem*)

Que gentileza!

TERCEIRO JORNALISTA (*idem*)

E que bonitos presentes!

PRIMEIRO JORNALISTA

Sem contar que vimos e ouvimos a Patti...

OS TRÊS

Oh! a Patti!...

TANGO

I

PRIMEIRO JORNALISTA

São cavalheiros finos  
Os argentinos;  
Não têm rival.  
Enquanto lá estivemos,  
Não despendemos  
Nem um real!

#### SEGUNDO JORNALISTA

Casa bem mobiliada,  
Roupa lavada,  
Nada faltou!

#### TERCEIRO JORNALISTA

Que belas petisqueiras  
O Pederneiras  
Saboreou!

#### OS TRÊS

Oh, que linda terra!  
Como são gentis!  
Pode lá haver guerra  
Com tão bom país!  
As tais argentinas  
São mesmo uma flor!  
Por pouco as meninas  
Nos matam de amor!

#### II

#### PRIMEIRO JORNALISTA

Nuns corruptos doidos  
Andamos todos  
De cá pra lá,  
E coisas viu a gente  
Que infelizmente  
Nunca viu cá!

#### SEGUNDO JORNALISTA

Foi um passeio bruto!  
Nem um minuto  
Se descansou!

TERCEIRO JORNALISTA  
Mas — é bom que se note —  
Este velhote  
Não fraquejou!

OS TRÊS  
Oh, que linda terra! etc.

*(Saem os três dançando)*

O BARÃO  
Pobres homens! Vêm estrompados!

AMOROSA  
Mas vêm contentes!

*(Atravessa a cena um grupo de jornalistas, falando todos a um tempo)*

JORNALISTAS  
Não entendi palavra!

O BARÃO  
Discutem a imigração chinesa.

AMOROSA  
Qual é a sua opinião sobre esse assunto?

O BARÃO  
A minha?

AMOROSA  
Sim.

O BARÃO

Homem, menina, eu não sou muito contra os chins. Dizem que são ótimos agricultores.

AMOROSA

Não há dúvida, mas não passam disso. Levam a miséria e a corrupção a toda a parte. E tanto é assim, que os americanos do norte já os repelem a mão armada.

O BARÃO

Os americanos têm lá muita gente, e nós cá precisamos de braços.

AMOROSA

Pois deixe mostrar-lhe qual será o futuro da sociedade brasileira, se a sua terra proteger semelhante imigração.

*(Agita o braço. Forte na orquestra. Ergue-se o pano do fundo e aparece uma sala no gosto chinês, lembrando ao mesmo tempo as nossas casas atualmente. Fonseca-Tching está assentado, num coxim, fumando ópio e abanando-se com uma ventarola. Continua a música em surdina na orquestra durante o quadro suplementar)*

O BARÃO

Que é isto?

AMOROSA

É o que está vendo.

O BARÃO

Eu quando digo que esta mulher tem feitiço!...

AMOROSA

Imagine que estamos em meado do século que vem. Chegue-se aqui para o lado. Observemos, como se estivéssemos num teatro.

## CENA IV

*O Barão, Amorosa, Fonseca-Tching, depois Tzeng-Tzeng-Sodré, depois Pky.*

FONSECA

Eu sou feliz, porque em suma  
Não há no mundo outro emprego  
Melhor que estar em sossego  
E não fazer coisa alguma.  
Batem à porta. Quem é?

A VOZ DE SODRÉ

Um seu infame criado!...

FONSECA

Queira entrar. (*Sodré entra*)  
Oh! Deus louvado!  
É o Senhor Tzeng-Tzeng-Sodré!  
Seja bem aparecida  
Nesta pobre casa imunda  
Essa cara rubicunda  
Que é toda saúde e vida!

*(Ergue-se e os dois cumprimentam-se à chinesa)*

SODRÉ

Então, como tem comido?

FONSECA

Perfeitamente. Obrigado.

SODRÉ

Cada vez mais anafado!

FONSECA

Vou como Buda é servido...

SODRÉ



Minha família canalha  
Me pede que cumprimente  
A sua esposa excelente.  
Onde está ela?

FONSECA

Trabalha.  
Minha ignóbil mulherzinha  
Retribui reconhecida  
Tais cumprimentos. Metida  
Ela está lá na cozinha  
A lavar facas e pratos:  
Não lhe pode aparecer.  
E o senhor? Come a valer?

SODRÉ

Ainda hoje comi dois ratos  
Que achei no barril do cisco.

FONSECA

Arrotou? Não teve azia?  
*(Sinais afirmativo e negativo de Sodré)*  
É prato de economia  
Mas é muito bom petisco.  
*(Sentindo os efeitos do ópio)*  
Tenho fumado demais!  
Fume você no meu próprio  
Chibuque. Veja que bom ópio  
Este de Minas Gerais!  
*(Passa o cachimbo a Sodré, que fuma)*

SODRÉ *(vendo entrar Peko)*

Olé! formosa Peko!

PEKY

'Stava lavando a gamela;  
Ouvi-lhe a voz...

SODRÉ

Como é bela!

PEKY

E pressurosa corri.

SODRÉ (*tomando a mão de Peko, a Fonseca*)

Esta mão já duas vezes

Tive a honra de pedir.

PEKY

É tempo de decidir:

'Stou d'esp'ranças há três meses...

FONSECA

Ainda não é visível

Esse estado interessante,

E noivo mais importante

Que se apresente é possível!

Mesmo saber desse estado

Há muito noivo que estima;

Acha mulher e, inda em cima,

Trabalho já começado,

Porque, enfim, Sodré querido,

A tudo a ambição recorre;

Se a mulher sem filho morre,

Não herda nada o marido!

(*Com resolução, abraçando-os*)

Ora adeus! Eu não desejo

Que me torçais os narizes;

Casai-vos! sede felizes!

SODRÉ

Oh! que felicidade! Um beijo!

(*Beija Peko. Fonseca cai no chão completamente embriagado*)

O velho bêbado está,  
E eu já me sinto também... (*Cai*)  
Vem a meus braços, oh, vem!  
Beijos ardentes me dá... (*Adormece*)

PEKY  
Dormem ambos... Ora pois,  
Neste cachimbo dourado  
Vou fumar o meu bocado,  
E adormecer como os dois...

(*Tira o cachimbo das mãos de Sodré e começa a fumar. Cai o pano do fundo.  
Cessa a música*)

## CENA V

*O Barão, Amorosa, depois o terceiro jornalista.*

AMOROSA  
Então? que diz àquele quadro?

O BARÃO  
Digo que a menina lavrou dois tentos. Já estou completamente  
voltado contra o chim.

TERCEIRO JORNALISTA (*entrando*)  
Aqui tem o primeiro número do meu *Diário do Comércio*. A alma  
do *Diário de Notícias* num corpo novo.

O BARÃO (*examinando*)  
O aspecto é agradável. Naturalmente o miolo diz com a casca.

AMOROSA  
Já vi também a *Tribuna Liberal*. Bem escrita, mas perversa.

TERCEIRO JORNALISTA  
Adeus. (*Sai*)

AMOROSA

É um jornal garantido.

O BARÃO

Xi! que grupo ali vem! Fugamos!

*(Saem. Entra um grupo de caixeiros)*

## CENA VI

*Caixeiros, armados com baldes de piche e broxas.*

CORO

Das portas o fechamento

Nós vimos todos pedir.

A imprensa neste momento

Vai nossas queixas ouvir.

UM CAIXEIRO

Amigos da liberdade

Os maus patrões vão ficar;

Embora contra a vontade,

As portas não de fechar.

Quando algum deles capriche,

E liberdade não der,

Leva de piche,

Haja o que houver!

CORO

Leva de piche, de piche, de piche,

Haja o que houver!

Das portas o fechamento, etc.

*(Saem Os caixeiros. Mutação)*

## QUADRO XV

*O Rossio, no ponto compreendido entre a Rua Sete de Setembro e o Teatro São Pedro. Cena escura.*

### CENA I

*O Barão, Amorosa.*

AMOROSA

O senhor durante todo o caminho tem me parecido contrariado... Não está satisfeito por se ir embora?

O BARÃO

Pois bem, deixe falar-lhe com o coração nas mãos! Não estou nada satisfeito! Fiz uma figura de urso — aí está o que fiz! Compreendo que a senhora não me concedesse certas regalias; está se vendo que é uma menina honrada... o que, aliás, torna ainda mais inexplicável o seu procedimento de acompanhar-me por toda a parte e fazer-me contínuas declarações.

AMOROSA

O senhor tem uma falsa compreensão do amor.

O BARÃO

Mas a outra, a Fritzmac?.. Por que não deixou que arranjássemos nós a nossa vida? Afinal de contas, que perderia eu com isso? Agora, usando dessa misteriosa influência que exerce sobre a minha pessoa, a senhora obriga-me a tomar o trem de ferro e voltar para a fazenda!

AMOROSA

É o que devia ter feito há mais tempo.

O BARÃO

E o bonito é que uma força irresistível me obriga a obedecer sem tugar nem mugir! E vou-me embora! Só lhe digo duas palavras, duas palavras apenas, mas enérgicas e cheias de filosofia! Essas duas palavras são: — Ora bolas!

AMOROSA

Chegou o momento de revelar-lhe tudo.

O BARÃO

Tudo quê?

AMOROSA

Tudo quanto não sabe. A Fritzmac é uma criatura sobrenatural.

O BARÃO

Hein?...

AMOROSA

É uma invenção do Diabo, assim como eu sou uma invenção do Amor.

O BARÃO (*recuando*)

Quê?... A senhora também é sobrenatural?...

AMOROSA

Pois não deu ainda por isso?...

O BARÃO

Já andava desconfiado... principalmente depois da tal feitiçaria dos china...

AMOROSA

O meu poder é ilimitado!

#### COPLA

Na terra embora tudo se mude,  
Tomem as coisas diversa cor,  
Forte há de sempre ser a virtude,  
No eterno orgulho do seu vigor.  
Anos decorram,

Séculos corram,  
É inabalável o Deus do amor.

O BARÃO

Ao mesmo tempo que a senhora me parece criatura de outro planeta, custa-me crer que não seja uma mulher como as outras...

AMOROSA

Experimente.

O BARÃO (*maliciosamente*)

Como?

AMOROSA

Quer que eu faça aparecer aqui alguma coisa que o divirta?... Temos tempo: ainda não são horas de tomar o trem, daqui à estação é um instante e já lá estão as bagagens.

O BARÃO

Ora! O que me poderá divertir?...

AMOROSA

Qual é o divertimento da sua predileção?

O BARÃO

É o teatro.

AMOROSA

Pois bem, farei desfilar diante de seus olhos Os principais acontecimentos teatrais do ano que está a findar.

O BARÃO

Sempre quero ver isso.

AMOROSA

Pois vai ver! (*Faz um gesto*) Aí tem Dona Inês de Castro.

## CENA II

*Os mesmos, a Castro.*

O BARÃO

Olá! a mísera e mesquinha! (*Vendo entrar a Castro*) Tem razão: é a própria; conheço-a do bom tempo.

A CASTRO

Estava a linda Inês...

A linda Inês sou eu!...

O BARÃO (*a Amorosa*)

É ela!

A CASTRO

Estava a linda Inês posta em sossego,  
Entre o pó de esquecidos alfarrábios,  
E sacrílega mão ninguém lhe punha.  
Quando o empresário do Recreio Dramático,  
Prevendo que a ressurreição da peça  
Lhe levaria público ao teatro,  
Foi buscá-la nos lôbregos arquivos,  
Mandou tirar papéis, meteu-a em cena,  
E encarregou-se do papel de Afonso,  
O rei severo, o pai meigo e sensível.  
Se nós não temos lá um João Caetano,  
Se nós não temos uma Ludovina,  
Possuímos, no entanto, alguns artistas  
Que ainda podem prestar bem bons serviços!  
A tragédia montada foi com luxo,  
Luxo nas roupas e nos acessórios...

O BARÃO

Nem era de esperar que o Dias Braga  
Procedesse jamais de outra maneira!...



A CASTRO

Eu quisera, porém, que me deixassem  
No meu canto gozando o doce fruto  
Da paz inalterável dos arquivos...

(*Saem majestosamente*)

UMA VOZ

Pchit! Pchit!

AMOROSA

Donde partem estes psius?... Quem nos chama?

A VOZ

Sou eu! Estou aqui! Deste lado! no terraço do Teatro São Pedro de  
Alcântara!

O BARÃO

Ah! Lá está! É um homem muito branco!

AMOROSA

Não se engano! É a estátua de Antônio José!

A VOZ

Digam-me uma coisa, meus senhores. É verdade que estão  
representando ali defronte as minhas *Guerras do Alecrim e da  
Manjerona*?

AMOROSA

É verdade, sim, Senhor Antônio José. E com muitos aplausos.

A VOZ

Faço ideia! Aplausos de convenção, muito diversos daqueles do  
Bairro Alto! Tenham a bondade de dizer ao empresário que a minha  
época passou. Deixem as minhas óperas em companhia da *Nova  
Castro*!

AMOROSA

Lá direi.

A VOZ

Adeus. Vou tomar um semicúpio.

AMOROSA

Adeus, Senhor Antônio José.

### CENA III

*O Barão, Amorosa, um ex-ator, depois primeiro e segundo engenheiros, depois a Grã-via.*

AMOROSA

Aqui está outro acontecimento teatral do ano. Barão, apresento-lhe o ator Martins.

O EX-ATOR

Ator, risque: ex-ator.

### CANTO

Sou do Correio  
Almoxarife;  
Agora o bife  
Seguro está!  
Já não receio  
Tacão de bota,  
Nem a risota  
Provoco já!  
Meus ex-colegas  
Todos me invejam  
E até desejam  
Me acompanhar,  
Pois sem pelegas  
Não vale a pena

Ir para a cena  
Representar.  
Muito contente, olé! muito contente, olá!  
O almoxarife está!  
(*Sai dançando*)

AMOROSA

Um homem feliz! Passou pelo teatro, foi aplaudido, e não acabará no Galeão.

O BARÃO

Onde dizem que o governo vai fundar um asilo para os artistas dramáticos...

(*Entram dois engenheiros*)

PRIMEIRO ENGENHEIRO

Olhe, colega, neste teatro é preciso abrir cem portas!

SEGUNDO ENGENHEIRO

Ficará um Teatro Tebas!

PRIMEIRO ENGENHEIRO

No Recreio pôr-se-ão cinco escadas.

SEGUNDO ENGENHEIRO

No Santana umas poucas de saídas.

PRIMEIRO ENGENHEIRO

Que, sendo preciso, poderão também servir de entradas...

SEGUNDO ENGENHEIRO

O Pedro II é que de mais reformas precisa!

PRIMEIRO ENGENHEIRO

Passará por uma transformação completa!

SEGUNDO ENGENHEIRO

O mesmo acontecerá à Fênix.

PRIMEIRO ENGENHEIRO

Ora, o mesmo acontecerá a todos os outros!

SEGUNDO ENGENHEIRO

Talvez fosse mais curial propor o arrasamento dos teatros existentes e a edificação de novos.

PRIMEIRO ENGENHEIRO

Pelo menos a economia seria maior...

SEGUNDO ENGENHEIRO

Vamos estudar?

PRIMEIRO ENGENHEIRO

Estudemos! (*Saem ambos*)

O BARÃO

Os proprietários dos nossos teatros podem considerar-se também vítimas do incêndio do Baquet.

AMOROSA

Ai vem a *Grã-via*, que foi, por bem dizer, o único sucesso teatral do ano.

A GRÃ-VIA

Conhecem a *Grã-via*?

OS DOIS

E quem não conhece?

CANTO

AMOROSA

Essa

Peça

Tantas vezes se tem dado,  
Que hoje Foge  
Dela o público maçado!

#### O BARÃO

Por formas tão diversas  
A dão, coitada,  
Que ninguém quer conversas  
Co'a desgraçada!

#### A GRÃ-VIA

Má sorte em Grande Avenida  
Me transformou;  
Não há música batida  
Mais do que eu sou.  
Sou vítima dos planos  
Deste país...  
Digam-me tais desumanos,  
O que lhes fiz! (*Sai dançando*)

### CENA IV

*O Barão, Amorosa, um diletante, depois um empresário lírico, depois primeiro jornalista, acompanhado do quarto e do quinto, que não falam.*

O BARÃO (*vendo entrar o Diletante a chorar*)

Oh! um homem a chorar! Que é isto? É também um acontecimento teatral? Querem ver que este senhor acabou de assistir à representação de uma comédia?

O DILETANTE (*chorando*)

Não, senhor... choro por que ela não veio.

AMOROSA

Ela quem?

O DILETANTE

Ou antes, veio e não cantou; e se cantou, não a ouvi! Ouvi-la era o meu sonho doirado! Ouvi-la, sim, ainda que não fosse senão nalguns compassos daquela ária do *Barbeiro*, em que a dizem sublime. (*Chorando e cantando ao mesmo tempo*) *Una voce poco fa...*

AMOROSA

Ah! fala da Adelina Patti.

O DILETANTE

Sim, falo da célebre diva italiana! Eu estava tão esperançado agora de não morrer sem ouvi-la! Já tinha resolvido empenhar até os colchões em que durmo para tomar uma assinatura!

O BARÃO

Já é vontade de ouvir a Patti!

O DILETANTE

Viram os telegramas? Que tormento: "A Patti vai." "Não vai a Patti." "Vai." "Não vai." "Vai." e não veio! Quero dizer, veio mas não cantou nem nada, e lá se muscou outra vez sem dar uma nota! Nunca me hei de consolar desta hipótese. (*Sai chorando*)

O BARÃO

Que grande pedaço de asno!...

(*Entram os artistas de uma companhia lírica perseguindo o Empresário*)

CORO DOS ARTISTAS

O senhor empresário, sem demora  
O que deve é pagar, senão há briga!  
Não podemos daqui nos ir embora;  
Temos todos a sela na barriga!...

O EMPRESÁRIO

Artistas meus caríssimos,  
Não me griteis assim!

Queixai-vos só do público;  
Não vos queixeis de mim.

*(Sai. A orquestra faz lembrar um motivo da canção do aventureiro,  
do Guarani)*

CORO

Co' esta quebradeira insólita,  
Co' esta falta de dinheiro,  
Não vem fora de propósito  
A canção do aventureiro!  
Pobre de nós! na miséria  
Vamos ficar!  
Que a coisa é séria  
Não há mais que duvidar.

PRIMEIRO JORNALISTA *(entrando acompanhado pelo terceiro e quinto  
jornalista)*

*Recitativo*

Da imprensa generosa, ilustre comissão  
De que fazemos parte,  
Vos toma a todos sob a sua proteção  
Por amor da arte.

ÁRIA DO TROVADOR

Pobres artistas,  
Corro a salvar-vos!  
Hei de arranjar-vos  
Alguns mil réis;  
Pagareis todos  
Vossas passagens,  
E as hospedagens  
Nesses hotéis.

CORO

Muito obrigado.

PRIMEIRO JORNALISTA

Não há de quê.

CORO

Isto só nesta

Terra se vê.

PRIMEIRO JORNALISTA

Em mim achastes

Um bom amigo!

Vindo comigo

Ao Castelões!

O fluminenses,

Ides um dia

Ter companhia

A dez tostões!

CORO

Se nos dá de *comê*.

Se nos dá de *bebê*.

Se nos paga os hotéis o seu bem,

Vamos lá com você!

*(Saem os jornalistas e os coros)*

O BARÃO

Mas a senhora não me mostrou o acontecimento teatral mais importante do ano: a vinda do grande Coquelin.

AMOROSA

Não temos tempo para mais nada. Daqui a vinte minutos, parte o trem. Vamos!...

O BARÃO

Vamos lá! Estou convencido... A Baronesa vai ter um alegrão! *(Música na orquestra)* Que é aquilo?



AMOROSA

São as tropas que vão para Mato Grosso. Vamos ao encontro delas.

O BARÃO

Vamos!

*(Saem. Começam a desfilar as tropas da esquerda para a direita. No meio da desfilada, faz-se a mutação)*

## QUADRO XVI

*A sala do quadro terceiro.*

## CENA ÚNICA

*Mademoiselle Fritzmac, depois Pero Botelho.*

MADemoiselle FRITZMAC *(entrando enraivecida)*

Inferno e danação! Ele partiu!... Partiu sem que eu pudesse transmitir-lhe os meus pecados! Fui vencida por aquela maldita filha do Amor! Que contas hei de dar de mim a Pero Botelho?! *(Pero Botelho surge do alçapão)* Ele!...

PERO BOTELHO

És um gênio pulha, um espírito de meia tigela, não vales dois caracóis! Em vez de corromper uma sociedade inteira, procuraste perverter um indivíduo só, e isso mesmo não conseguiste! Estúpida!... Que fizeste durante todo este ano? O mormo dos burros talvez, só isso!

MADemoiselle FRITZMAC

Fiz o que pude... Até me vesti de homem!...

PERO BOTELHO

Pois foi pena que te não recrutassem para o exército.

MADemoiselle FRITZMAC

Tive uma adversária terrível...

PERO BOTELHO

Qual adversária nem qual carapuça! És um gênio mau.

MADemoiselle FRITZMAC

E tu tens muito mau gênio.

PERO BOTELHO

Nunca o Brasil foi tão feliz como neste ano! Aboliu-se a escravidão, receberam-se cento e trinta mil imigrantes, o comércio prosperou, as artes deram sinal de vida, e publicaram-se livros! Até as mulheres!... Foi preciso que tu cá viesses para que no Rio de Janeiro houvesse uma doutora, uma farmacêutica, e até uma toureadora!... Com certeza não és a criatura que eu desejava. Fritzmac deu-me uma mulher falsificada... Condenei-o a três meses de cadeia, e retirei-lhe a Grã-cruz com que o havia condecorado.

MADemoiselle FRITZMAC

Fez mal; não é dele a culpa, mas dos próprios pecados, que estão serôdios, e já não produzem efeito em ninguém. A sociedade moderna transformou os pecados em virtudes; a avareza hoje é economia e previdência; a ira, coragem e energia; a preguiça, prudência, discrição e modéstia a inveja, ambição e estímulo; a gula, é sinal de saúde e bons costumes, e a luxúria... amor!...

PERO BOTELHO

Talvez tenhas razão... mas olha que lá no inferno não me pões mais os pés!... Fica-te no Rio de Janeiro a tomar cajuadas, e deixa-te dominar pelas virtudes, se quiseres. Nada tenho com isso. Para o ano virei em pessoa corromper esta boa gente. Bem diz o ditado que quem quer vai, e quem não quer manda.

AMOROSA (*entrando*)

Então não se conta comigo?

O AMOR (*idem*)

Nem comigo?

PERO BOTELHO

Por Satanás! que grande audácia!...

O AMOR

Volta para o ano, e aqui me encontrarás pronto para o combate!

MADEMOISELLE FRITZMAC

Veremos.

AMOROSA

Há de o Brasil crescer: do amor o deus antigo

De protegê-lo não cansa;

O Oitenta e Nove há de lhe ser amigo...

Boa figura vai fazer em França.

*(Aponta para o fundo. Mutação)*

## QUADRO XVII

*O Palácio do Brasil na Exposição Universal de 1889. A orquestra executa um trecho de música, composto pela Marselhesa e pelo Hino Brasileiro, engenhosamente ligados.*



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)